

Jonas Rodrigo Gonçalves
(coordenador)



HUMANIDADE
E
SOCIEDADE:
**Aspectos Antropológicos
e Sociais**

Editora
SENA AIRES

1ª edição
2018

**Jonas Rodrigo Gonçalves
(coordenador)**

**HUMANIDADE E SOCIEDADE:
ASPECTOS ANTROPOLÓGICOS
E SOCIAIS**

1ª edição

2018

**EDITORA
SENA AIRES**

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-94473-06-6



Gonçalves, Jonas Rodrigo.

Humanidade e Sociedade: aspectos antropológicos e sociais. Coordenador Jonas Rodrigo Gonçalves. Diagramação Jonas Rodrigo Gonçalves, Daniarly da Costa. Supervisora Cristilene Akiko Kimura Martins. Editor Jonas Rodrigo Gonçalves. Valparaíso de Goiás: Editora Sena Aires, 1ª edição, 2018.

151 fls.

ISBN: 978-85-94473-06-6

COORDENADOR

Jonas Rodrigo Gonçalves

AUTORES E AUTORAS

Alexandre José Felipe de Souza

Alexandre Luiz P. de Carvalho

Alnires Rodrigues Oliveira

Amanda Alves Paiva

Ana Gabriela Esteves dos Santos

Ana Karoline Silva Gomes

Arthur Pedro Kurimori Vieira Guimarães

Bárbara Eloisa Oliverio Duarte

Bhábara Thais Bueno de Oliveira Andrade

Brenda Letícia de Menezes Rodrigues

Bruna Vieira da Silva

Camila Borges Gomes

Carolina Santos Fernandes Ferreira

Fernanda Carvalho Corrêa

Fernanda Menezes Lima

Fernanda Tarabaika de Carvalho

Gabriela Alves Lôbo

Gabriela Pinho da Silva

Gabrieli Maria Freire Dale Vedove

Gabrielle Biazi

Gabrielly Neres Fernandes

Geovanna Lima Guimarães

Giulia Aparecida Da Paz Barboza

Igor Matheus de Oliveira Nogueira

Isabela de Oliveira Passos

Isabella de Araújo Vilella

AUTORES E AUTORAS

Isabelle Melo da Anunciação
Isadora Oliveira Cordeiro
Iury Fernandes
Izabella Yasmim Costa Butrago
Jéssica Karolina Mendes Cezari
Jonas Rodrigo Gonçalves
Joyce Aparecida da Silva Souza
Joyce Samara Ferreira Dias
Júlia Maria Batista de Paula
Kamyla Queiroz Reinaldo de Oliveira
Karen Letícia Barros de Souza
Laila Gabriela de Lima da Silva
Laís da Silva Lacerda
Lais Perônico R. G. Carvalho
Larissa Araújo Santos
Larissa Crisóstomo Pereira
Laura Adeodato Aguiar Câmara
Letícia Brito Borges
Lucas Emanuel Guímel Carvalho Ribeiro
Luiza Katerine Lucena Carvalho
Luyan Sousa Sampaio
Madlla Pereira Celestino
Marcelle Letícia Monteiro Borges
Marcelo Veras Juns
Marconi Oliveira Marquez Filho
Marcos Paulo da Silva
Mariana Da Silva Lima
Marielly Mendes Diniz
Mateus Maia Duarte de Souza
Matheus Barros Portes

AUTORES E AUTORAS

Matheus Gusmão Lins de Resende
Maysa de Oliveira Machado
Micaelly dos Santos Amaral
Natália Paes de Santi
Natasha Serra Penafort Santana
Nicole Santos Messias
Nyara Morimã Fontenele
Pedro Henrique Dutra
Rafael Achilles Ramim Santos
Rafaella Angelim Maia Vasconcelos
Rayza Daniella Mendanha
Rebeca Marina S. de Oliveira
Samara do Nascimento Moutinho
Samyra Gebrim N. de Carvalho
Stephany Fernandes de Paiva
Thaianny Pereira Guedes
Thais Gomes Cardoso
Thalita Adielle Lemes Silva
Thaynara Santos de Lima
Victoria Machado de Paula
Victória Rocha Dias
Walla Gonçalves do Amaral
Werter Ximenes

ARTE DA CAPA

Daniarly da Costa

EDITOR

Jonas Rodrigo Gonçalves

SUMÁRIO

Introdução	08
1. Antropologia na sala de aula: compartilhamento de uma experiência de sucesso	11
2. Ser humano, cultura e sociedade	16
3. A relação entre o indivíduo e a sociedade	26
4. Ser humano, cultura e sociedade	31
5. O surgimento da cultura	38
6. O aparecimento do homo sapiens – uma espécie que trabalha	43
7. A cultura do homem – uma espécie que troca e se organiza	47
8. O senso comum e a ciência antropológica explicam a cultura: a cultura explicada pelo senso comum	55
9. O ato de simbolizar e a cultura	59
10. As relações humanas dependem de valores e regras	63
11. As mudanças de regras e valores	75
12. Cada povo uma cultura, cada cultura uma sentença: a diversidade cultural	87
13. Cultura e visão de mundo	108
14. Diferentes culturas, características humanas universais	114
15. A pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico	120
16. Identidade cultural em tempos de globalização... ..	127
17. Quem somos, quem são eles: fascínio e discriminação no povoado universal	134
Considerações finais	141
Referências	144

INTRODUÇÃO

O presente livro nasceu da aplicação de uma das metodologias ativas da Aprendizagem por Projetos, inspirada em Philippe Perrenoud.

Na ânsia por obter maior participação dos alunos e conseqüentemente maior aprendizado por parte deles, propus um trabalho às minhas duas turmas do segundo e do terceiro semestre do curso de Odontologia da Unip – Universidade Paulista (campus Asa Sul - Brasília/DF) no primeiro semestre letivo de 2018.

O trabalho consistiu na divisão das turmas em grupos, no intuito de contemplar todos os temas previstos no plano de ensino da disciplina. Cada grupo fez uma pesquisa teórica, transcrevendo as citações e seus respectivos autores. Nessa pesquisa teórica, a base principal foi a apostila de Homem e Sociedade da própria Unip, de autoria de Kênia Kemp, com a colaboração dos professores Fabio Gomes da Silva, Flávio Celso Müller Martin e Renata Viana de Barros Thomé.

No segundo bimestre, ministrei aulas de técnica de paráfrase, e os grupos transformaram seus trabalhos em textos autorais. Como esta obra não tem objetivos comerciais, apenas acadêmicos e de aprendizado, bem como absorção de tão relevante pesquisa feita pelos estudiosos listados anteriormente, foi permitido que o livro-texto da Unip servisse de base essencial para o treino da técnica de paráfrase estudada.

Além do trabalho, os(as) alunos(as) fizeram normalmente as provas I e II e obtiveram resultados excelentes. Atribuo, inclusive, esse bom resultado nas avaliações formais ao envolvimento com os temas. As aulas expositivas foram dadas por mim, no entanto, os(as) estudantes responsáveis por aquele tema participaram ativamente contribuindo com mais informações, enriquecendo-as. A possibilidade de lançarem um livro em coautoria com o professor gerou um capricho excepcional aos capítulos, e esta dedicação à pesquisa fez com que compreendessem melhor temáticas tão relevantes à formação pleiteada. Daí as participações tão interessantes e respaldadas.

Cada grupo ficou responsável pela adequação do capítulo às normas vigentes da ABNT, bem como pela revisão linguística dos aspectos gramaticais da Língua Portuguesa, e, ainda, pela responsabilidade intelectual que envolve as questões de direito autoral. De forma que toda a responsabilidade é dos(as) autores(as) de cada capítulo.

Neste livro são abordados os seguintes temas: Antropologia na sala de aula: compartilhamento de uma experiência de sucesso; ser humano, cultura e sociedade; a relação entre o indivíduo e a sociedade; ser humano, cultura e sociedade; o surgimento da cultura; o aparecimento do homo sapiens – uma espécie que trabalha; a cultura do homem – uma espécie que troca e se organiza; o senso comum e a ciência antropológica explicam a cultura: a cultura explicada pelo senso

comum; o ato de simbolizar e a cultura; as relações humanas dependem de valores e regras; as mudanças de regras e valores; cada povo uma cultura, cada cultura uma sentença: a diversidade cultural; Cultura e visão de mundo; diferentes culturas, características humanas universais; a pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico; identidade cultural em tempos de globalização; quem somos, quem são eles: fascínio e discriminação no povoado universal.

Além da participação dos alunos, esta obra contou com o penúltimo capítulo elaborado pelas professoras Mayara e Lúcia, a quem muito agradeço; e com o último capítulo de coautoria minha com os professores Cristilene e Daniarly.

Este livro é o resultado deste projeto de sucesso. Agradeço a todos(as) os(as) alunos(as) que se dedicaram a este trabalho para que conseguíssemos alcançar nossa meta: esta publicação. Que ela seja útil para novos alunos que venham a estudar esta área de conhecimento tão relevante.

Boa leitura!

Professor Jonas Rodrigo Gonçalves
(coordenador do projeto)

1.ANTRPOLOGIA NA SALA DE AULA: COMPARTILHAMENTO DE UMA EXPERIÊNCIA DE SUCESSO

Jonas Rodrigo Gonçalves¹

Fazer o estudo da Antropologia em sala de aula com uma turma da área da Saúde que tem por objetivo ser um profissional da Odontologia constitui um grande desafio. Muitas vezes o(a) aluno(a) dessa área tem pressa de cursar logo as disciplinas mais práticas ou mesmo as disciplinas teóricas mais direcionadas ao seu curso.

Sem dúvidas as aulas expositivas tradicionais consistiriam num afastamento ainda maior por parte do corpo discente, visto que exigiriam leitura extraclasse à altura das discussões em sala de aula. Ter um docente apenas

¹ Possui mestrado em Ciência Política (Políticas Públicas); especialização em Letras (Linguística: Revisão de Texto); licenciatura em Letras (Português e Inglês); licenciatura em Filosofia; habilitação em História, Sociologia, Psicologia e Ensino Religioso. Autor de 34 livros técnicos e didáticos. Coordenador de políticas editoriais das faculdades CNA (DF) e Fasesa (GO). Atualmente leciona nas faculdades Processus, CNA, Unip, JK e Fasesa. É editor-chefe da editora JRG (www.editorajrg.com). Na Faculdade Processus (DF), coordena dois grupos de pesquisa cadastrados no CNPq: Português Jurídico e Políticas Públicas.

informando ou tentando depositar informações nas mentes dos(as) seus(suas) alunos(as) provavelmente seduziria pouco para esta área de formação tão interessante quanto necessária para qualquer pessoa.

Várias possibilidades foram, então, cogitadas. O intuito central era o de envolver os(as) estudantes num processo de dedicação ao estudo de questões cruciais que envolvem a existência humana, como Cultura, Etnocentrismo, respeito às diferenças, entre outros assuntos correlatos.

O presente livro nasceu da aplicação de uma das metodologias ativas da Aprendizagem por Projetos, inspirada em Philippe Perrenoud.

Na ânsia por obter maior participação dos alunos e conseqüentemente maior aprendizado por parte deles, propus um trabalho às minhas duas turmas do segundo e do terceiro semestre do curso de odontologia da Unip – Universidade Paulista (campus Asa Sul - Brasília/DF) no primeiro semestre letivo de 2018.

O trabalho consistiu na divisão das turmas em grupos, no intuito de contemplar todos os temas previstos no plano de ensino da disciplina. Cada grupo fez uma pesquisa teórica, transcrevendo as citações e seus respectivos autores. Nessa pesquisa teórica, a base principal foi a apostila de Homem e Sociedade da própria Unip, de autoria de Kênia Kemp, com a colaboração dos professores Fabio Gomes da Silva, Flávio Celso Müller Martin e Renata Viana de Barros Thomé.

No segundo bimestre, ministrei aulas de técnica de paráfrase, e os grupos transformaram seus trabalhos em textos autorais. Como esta obra não tem objetivos comerciais, apenas acadêmicos e de aprendizado, bem como absorção de tão relevante pesquisa feita pelos estudiosos listados anteriormente, foi permitido que o livro-texto da Unip servisse de base essencial para o treino da técnica de paráfrase estudada.

Além do trabalho, os(as) alunos(as) fizeram normalmente as provas I e II e obtiveram resultados excelentes. Atribuo, inclusive, esse bom resultado nas avaliações formais ao envolvimento com os temas. As aulas expositivas foram dadas por mim, no entanto, os(as) estudantes responsáveis por aquele tema participaram ativamente contribuindo com mais informações, enriquecendo-as. A possibilidade de lançarem um livro em coautoria com o professor gerou um capricho excepcional aos capítulos, e esta dedicação à pesquisa fez com que compreendessem melhor temáticas tão relevantes à formação pleiteada. Daí as participações tão interessantes e respaldadas.

Cada grupo ficou responsável pela adequação do capítulo às normas vigentes da ABNT, bem como pela revisão linguística dos aspectos gramaticais da Língua Portuguesa, e, ainda, pela responsabilidade intelectual que envolve as questões de direito autoral. De forma que toda a responsabilidade é dos(as) autores(as) de cada capítulo.

Neste livro foram abordados os seguintes temas: Antropologia na sala de aula; compartilhamento de uma experiência de sucesso; ser humano, cultura e sociedade; a relação entre o indivíduo e a sociedade; ser humano, cultura e sociedade; o surgimento da cultura; o aparecimento do homo sapiens – uma espécie que trabalha; a cultura do homem – uma espécie que troca e se organiza; o senso comum e a ciência antropológica explicam a cultura: a cultura explicada pelo senso comum; o ato de simbolizar e a cultura; as relações humanas dependem de valores e regras; as mudanças de regras e valores; cada povo uma cultura, cada cultura uma sentença: a diversidade cultural; Cultura e visão de mundo; diferentes culturas, características humanas universais; a pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico; identidade cultural em tempos de globalização; quem somos, quem são eles: fascínio e discriminação no povoado universal.

Após o recolhimento de todas as paráfrases dos(as) alunos(as), foi feita a diagramação, a elaboração da capa e os capítulos de introdução, considerações finais e referências. Em seguida, fez-se o pedido de ISBN junto à Biblioteca Nacional. Por fim, foi gerada a versão em pdf para disponibilização aos(às) alunos(as), familiares e demais interessados(as).

Este livro é o resultado deste projeto de sucesso. Agradeço a todos(as) os(as) alunos(as) que se dedicaram a este trabalho para que conseguíssemos alcançar nossa meta: o

aprendizado por meio desta publicação. Que ela seja útil para novos(as) alunos(as) que venham a estudar esta área de conhecimento tão relevante.

Após o recolhimento de todas as paráfrases dos(as) alunos(as), foi feita a diagramação, a elaboração da capa e os capítulos de introdução, considerações finais e referências. Em seguida, fez-se o pedido de ISBN junto à Biblioteca Nacional. Por fim, foi gerada a versão em *pdf* para disponibilização aos(às) alunos(as), familiares e demais interessados(as).

2. SER HUMANO, CULTURA E SOCIEDADE

Isabella de Araújo Vilella

Gabriela Pinho da Silva

Natasha Serra Penafort Santana

Natália Paes de Santi

Necessitamos de história vivencia de gerações passadas, da habilidade de educar uns aos outros. Entre tanto, dependemos da cultura.

Mas talvez o que se chama aqui cultura não é exatamente o que você normalmente usou, então vamos adotar uma abordagem científica?

Foi definida pela primeira vez a cultura, antropológicamente, no século 19 (1871), por Edward Tylor, como um complexo arranjo que inclui aprendizado, crenças, arte, direito, moral, costumes e todas as outras capacidades e hábitos adquiridos pelo ser humano como membro de uma sociedade.

É importante enfatizar nesta já antiga definição de Taylor que a caracterização da cultura é o fim dos processos de aprendizagem.

Nenhum de nossos comportamentos coletivos é geneticamente herdado, eles são adquiridos e para isso, necessitamos do contato com o meio social. Quando nascemos, não temos "inclinações naturais" em relação à fé, bem como qualquer tipo de comida. Tudo em nossa vida coletiva, desde a linguagem a qual nos comunicamos os hábitos de rotina de alimentos e roupas, a nossa ideia de moralidade, por fim tudo o que compartilhamos vivendo em sociedade, e podemos observar que ele se repete na maioria dos

indivíduos do nosso grupo o que é resultante de um processo de cultura de aprendizado, e chamamos de socialização.

Socialização, vamos compreender melhor este conceito.

Começamos pela declaração de autores importantes para as ciências da sociedade. Peter e Brigitte Berger disseram:

O método pelo qual o indivíduo aprende a ser um membro da comunidade, designada pelo nome da socialização, não tem um final e pode ser dividida em socialização primária e socialização secundária. A família é usualmente a instituição responsável pela socialização primária e o ensino escolar, o trabalho e outras instituições são formadores da socialização secundária. . (BERGER, P., BERGER, B. apud FORACCHI, M.; MARTINS, 1977).

Esses autores estudaram os processos de aprendizagem da vida social, expondo que praticamente tudo no nosso agir precisa ser modelado a partir dos primeiros momentos da nossa existência e que esse processo nunca termina. Em todas as fases da nossa vida social, devemos adquirir novos padrões que nos permitem viver juntos.

Concluimos que a socialização inclui todas as formas de aprendizagem em sociedade. Começa com solicitação de conduta no meio familiar, esta é a nossa primeira experiência da vida social, se espalhando posteriormente a contatos sociais maiores, como a escola, no bairro onde

moramos, nas relações de amizade, no ambiente profissional, na vida religiosa, lazer etc.

Você está ciente de que quando você começa socialmente em um novo grupo social, há uma tendência a observar o comportamento dos outros? Este processo cria referências de como devemos agir em determinados momentos. E assim sabemos como nos comportar com segurança, essas situações vão gradualmente se tornando mais previsível sendo mais fácil de habituar e incorporar uma grande parte dessas dinâmicas coletivas.

Também se pode dizer que a socialização é uma forma de educação, porém vai além disso. Igual em contextos onde as pessoas não sabem que estão aprendendo entre si. O convívio social indica os padrões comportamentais esperados. Portanto, podemos interagir com outros, os quais sabem dos nossos comportamentos pessoais e podem esperar qualquer tipo de resposta. Por exemplo: quando tratamos alguém com boas maneiras, esperamos ser tratados da mesma forma ou quando somos agressivos, também podemos esperar uma reação agressiva de outro indivíduo. Se seguirmos, por exemplo, uma Religião nós entraremos em uma nova classe de amigos ou em uma determinada atividade física, aprendemos a comportar-se e a pensar como nos relacionar do melhor jeito com os outros membros daquele grupo. Mesmo sem perceber, estamos sendo socializados nesses meios de comunicação social.

Conforme a nossa cultura e socialização, controlamos até mesmo a nossa vontade de comer, forma de agir, hábitos de higiene pessoal e formas de assistência médica etc. Em outras palavras, cada cultura é um modelo diferente para realizar todas essas coisas necessárias para a vida social, que consideramos "normal" para todos. E nenhuma dessas linhas é natural do indivíduo, é parte da nossa socialização. Aprendemos cada um dos nossos comportamentos convivendo, isso permite a sociabilidade coletiva de normas herdadas e modificadas constantemente.

Vamos praticar um exercício para pensar em exemplos de situações acima descritas?

Todo mundo têm lembranças de momentos que foram marcantes da vida, como exemplo: Quando começamos a frequentar a escola, não é mesmo? Agora tente lembrar de quando enfrentou alguma dificuldade em se acostumar com a rotina e disciplina da escola.

Pense como uma criança que foi "afastada" do pequeno mundo de sua casa, onde parecia haver liberdade quando gostaria de parar de fazer algo quando você se cansava. Agora pense nessa criança, que deve de repente permanecer em uma sala de aula, até que o "sinal" do intervalo ou o final das classes autorize a sair de sua cadeira; ou sobre as regras de oferecer o seu sanduíche a outros, tentar dividir o que é seu. E em quantas situações estranhas para uma criança que sempre foi tratada como o "centro de atenções", de repente perceber que há outros ao seu redor.

O interessante sobre a socialização é que a partir do momento que certa ação se torna rotina ou hábito, passamos a encarar com normalidade, e esquecemos que precisamos convivência com a sociedade para adquirir experiências, crenças, moral, ética etc.

Pense em outros exemplos que mostrem que todos os indivíduos estão na vida para "Aprender" as regras da coexistência social. Mesmo em lugares divertidos, como parques, praças ou praia. Para passar um tempo de lazer e relaxamento, também devemos aderir às regras, mas não pensamos nelas durante esse tempo.

Retornando à concepção de Edward Tylor, podemos ver que apesar da cultura ser um conjunto complexo, o qual foi aprendido por cada um de nós como membros da sociedade, para evitar que sejamos um "animal cultural". Ao mesmo tempo, a cultura é influenciada por uma profunda emancipação ou talvez a maioria desses pensamentos, que a ciência se tornou "natural". Tendo em vista, que o indivíduo da espécie *Homo sapiens* possui habilidades inatas, tais como linguagem e inteligência, eles não conseguem reproduzi-las de forma natural, precisando assim de estímulos do meio para que sejam aperfeiçoadas.

Há alguns exemplos na história que podem sugerir que os indivíduos são totalmente dependentes da influência do meio ambiente nas ações humanas o que é a chamada "criança selvagem" ou "menino lobo". Essas crianças foram assim nomeadas, pois por razões desconhecidas,

foram abandonados em florestas ou áreas remotas sem estarem em contato com outros seres, talvez desde que eram muito novos. Quando encontradas mais velhos, geralmente possuíam um comportamento animal.

Os casos mais famosos são das irmãs Amala e Kamala, que foram encontrados em 1920 na Índia. As duas ingeriam em sua alimentação carne crua ou assada, faziam barulho ao invés de usarem a fala, caminhavam apoiadas pelos braços e pernas, usa os cotovelos para pequenas ações e não demonstrou nenhum sinal simpatia.

Observe o trecho de uma revisão científica sobre desenvolvimento de linguagem homem:

Em 1920, intitulado por uma aldeia a sudoeste de Calcutá para expulsar Espíritos, o reverendo Singh teria descoberto que os "espíritos" eram duas meninas crianças, as quais dormiam e comiam com uma matilha (grupo de lobos). Seguindo-as até o local onde as meninas moravam, um buraco foi cavado por Singh até conseguir resgatar as duas meninas. A mais velha tinha oito anos e a caçula, um ano e meio. As duas foram levadas pelo reverendo para viverem em seu orfanato, o qual administrava junto com sua esposa. Acabou por defendê-las da mídia e da ciência enquanto pode. Todavia, ele próprio coletou e arquivou muitas informações sobre as duas crianças.

Segundo ele, as meninas não demonstravam carisma, angústia ou curiosidade e nem menos afetividade por outras pessoas. A única vez que ele

viu uma delas chorarem, foi quando a menina mais nova morreu devido a uma grave infecção de vermes no trato gastrointestinal, acarretando em uma séria diarreia

Para o casal Singh, embora Kamala fosse parecida fisicamente com qualquer outra criança da sua idade, ela ainda se comportava como um neném de um ano e meio. Entretanto, apesar de seu silêncio, começou aos poucos a entender palavras e logo depois as pronunciou. Sendo assim, pode-se concluir que Kamala estava adquirindo linguagem.

Durante oito anos, Kamala residiu no orfanato. Porém, como nos relatos, reais ou fictícios, os quais inspiraram a criação da personagem Mogli, Rudyard Kipling, o seu destino não era ter uma vida longa. Em 1928, sua saúde ficou debilitada, o que acarretou em sofrimento e morte no ano seguinte.

Para analisar essas condições, muitos cientistas concluem que o homem é "um animal cultural" porque nasce com todos os fatores que o define. No entanto, precisamos do incentivo da vida em uma sociedade que estabeleça o desenvolvimento de tais capacidades como sabedoria, comunicação e cooperação. Para usar essas habilidades, são necessários modelos, sendo a cultura o principal.

Considere o parágrafo do artigo de revisão científica dedicada à evolução dos homens:

No ano de 1920, em Calcutá, para espantar seres malignos, o Padre Singh expulsou garotas

que se alimentavam e descansavam com uma matilha, achando que eram do sobrenatural. Sendo perseguidas até o buraco em que ficavam, Singh salvou as meninas. Uma tinha oito anos e a outra um ano e meio. Foram morar em uma casa de crianças sem pais, local onde sua mulher gerenciava, cuidando para que a mídia não divulgasse o acontecido. Mas mesmo assim, o Padre recolheu dados acerca das garotas.

De acordo com o Padre, as meninas não tinham expressão nenhuma e não se apegavam aos humanos. A única vez que Kamala, a irmã de maior idade chorou, foi quando sua irmã faleceu por ter muitos vermes.

Para Singh e sua esposa, Kamala parecia ser um neném, mas durante o tempo compreendeu falas, começando assim a pronunciar e obter linguagem.

Durante oito anos, Kamala morou em um orfanato. Ela não viveu muito, sua saúde ficou ruim e faleceu em 1929.

Há pesquisas que falam que as pessoas são "animais culturais" em constante desenvolvimento intelectual, porque somos seres pensantes e temos características próprias. Contudo, precisamos da sociedade para conviver em comunidade, de modo a ter um convívio harmonioso.

Com a socialização, os humanos aprendem a usar o emocional, a inteligência e regras para conviver em um grupo.

Cada grupo social tem sua maneira individual de conviver em sociedade possuindo culturas diferentes.

As situações são mais compreendidas a medida que os humanos são expostas a situações, adquirindo assim mais atitude e experiência.

Para cada tipo de situação é percebido atitudes diferentes de convívio, por exemplo, uma torcida de futebol e uma cerimônia de casamento são percebidos vários tipos de emoções e reações diferentes.

Em uma cultura, a pessoa não socializa individualmente e sempre socializa em grupo, mudando tradições e hábitos.

Em culturas diferentes pode haver situações iguais.

Todavia, a grande diversidade de cultura fortalece a ideia de que cultura é a interação de um indivíduo com a sociedade. Do mesmo jeito que multiplicamos nossa cultura, tentamos mantê-la íntegra.

As próximas unidades iram mostrar que algumas alterações de uma cultura para outra são praticamente iguais, mas podem haver também pequenas ou grandes variações.

Dado o exemplo de funerais, a dor da perda em algumas culturas é cultuada, todavia em outras, a morte é um momento comemorável. A nossa cultura zela pela solidariedade da dor dos entes do falecido, respeitamos e sentimos aquele momento.

Assim, em qualquer atitude do cotidiano como buscar um café, lembre-se que somos feitos

de uma cultura e que entender seus meios nos permite ter uma visão sobre fenômenos da sociedade.

Entende que não é nossa genética que nos guia mas sim as características inatas é necessário para reconhecer o processo de convívio social.

Compreender como conviver em uma sociedade e saber as regras para isso, é indispensável para fortalecer competência como ser humano. Pouco das nossas habilidades são necessariamente inatas, grande parte nós carregamos junto com a genética, a maior parte das coisas que fazemos em nossas vidas fundam-se em métodos de convivência e trocas de conhecimento com a coletividade.

3. A RELAÇÃO ENTRE O INDIVÍDUO E A SOCIEDADE²

*Alnires Rodrigues Oliveira
Júlia Maria Batista de Paula
Kamyla Queiroz Reinaldo de Oliveira
Rafael Achilles Ramim Santos*

Podemos dizer que o ser humano é o resultado do ambiente em que vive, ou o resultado de uma herança genética? Qualquer profissional da área das ciências médicas e biológicas diz que às nossas características inatas, as que nascem com a gente, podem definir tendências de comportamento.

Já as ciências humanas destaca a importância do meio social como a que define as capacidades inatas, podendo evoluir ou não durante a vida do indivíduo. Para solucionar, temos que considerar que as ciências médicas, biológicas e humanas não podem dizer com toda certeza sobre as características de comportamento humano, porque ainda há muito a ser estudado. Para responder nossas perguntas é necessária uma posição que pondere os pontos de vista.

Cada pessoa tem seu potencial que difere em cada tarefa, e no decorrer de nossas vidas devemos fazer escolhas, que são sempre limitadas por oportunidades, fatores sociais e econômicos,

² Kamyla Queiroz Reinaldo de Oliveira fez a revisão linguística deste capítulo.

etc. Por isso, não tem como esclarecer “ se tivesse escolhido outra profissão, como eu estaria hoje?

O ser humano é o resultado de sua própria natureza ou o resultado do meio ambiente em que vive?

A relação entre a influência da cultura, capacidades inatas e a história do indivíduo resulta nos nossos comportamentos. Para evoluímos precisamos ver o comportamento da sociedade como referência nas nossas vidas. E vemos que cada pessoa é um indivíduo social.

Para fazemos uma reflexão adequada em relação à diversidade de condutas individuais, que conduzem as pessoas a se apresentarem "gênios", "heróis" ou "criminosas", devemos utilizar tanto a biociência quanto às ciências sociais. A partir da observação antropológica evidentemente deve ser relatada como um motivo que pode impedir ou facilitar determinadas condutas. No entanto, esse patrimônio por si só, não assegura indivíduos a expandir características marcantes ou hábitos.

Devemos retratar sobre isso. Presumindo que um cientista pesquise onde os recursos materiais são menores, por exemplo, em favelas urbanas, e as crianças tenham pouco acesso à educação. Supondo que seja pesquisado um ambiente capacidade de apresentar com precisão as notas musicais emitidas, no entanto mesmo apresentando essa capacidade essas crianças raramente terão oportunidade social de desenvolver essa habilidade. Por esse motivo, a habilidade inata

não será válida para a vida pessoal dessas crianças .

É possível desdobrar esse exemplo para outras técnicas, como habilidades para expressão corporal, memória etc. É possível enfatizar que o indivíduo que carrega essa herança genética não é suficiente para garantir que ele desenvolva comportamentos para utilizar esses recursos.

Uma pessoa pode ter uma carga genética que se destaca dos demais, como habilidade artística de excelência e inteligência acima da média, sem as condições devidas para desenvolver suas potencialidades.

Segundo o estudo do homem, os estímulos vivenciados por meio do entendimento social podem ser muito mais presentes do que qualquer característica inerente ao ser humano. O desenvolvimento das habilidades estimuladas pela sociedade é de absoluto valor, e, ao mesmo tempo, o homem evita ao máximo ser exilado e reprimido de seu meio.

A tese sobre o adquirido versus inato está presente em diversos campos, entre eles, os profissionais. É muito comum pessoas habilidosas ou consideradas talentosas ouvirem a frase de que nasceram para aquela atividade.

Atualmente, pode-se concluir que os mais dotados considerados como ídolos, no campo artístico, profissional e esportivo, prevalecem sobre os outros, sendo vistos como pessoas que fazem coisas extraordinárias, nas quais a única explicação seria o dom natural.

A sociedade exige um comportamento ético e apresenta-se em incessante evolução, tendo em vista que os padrões naturais de outras épocas não são os mesmos nos dias atuais, mas, é necessário o bom senso em relação às características de cada indivíduo.

Na sociedade todos nós passamos a vida sendo influenciados e influenciadores. Como precisamos de convívio social essa atividade se torna recíproco do não temos como fugir.

Podemos pensar, a reciprocidade é verdadeira? Quanto cada indivíduo pode influenciar nesse convívio

Isto é muito agradável. Contestação é sim. A classe sofre intervenção de seus súditos. Por meio de deleção e fixação coletiva ou por valores, para que assim possa desenvolver e permitir suas potencialidades, tornando uma sociedade mais evoluída.

Acontecendo em qualquer conjunto social, como família ou empresas. O temperamento de um grupo depende do caráter de cada indivíduo, porém, cada um separado não pode fazer diferença significativa.

Os triunfos pessoais estão relacionados com as realizações de uma classe, que intervém nas condições sociais. Erguem-se gênios a cada momento, como dos esportes, política, arte e religião. Não sendo a realidade de todas as comunidades.

Concluem-se, por isso, os aspectos inseparáveis entre sujeito e comunidade para falar de seres humanos.

É insuficiente a natureza criar indivíduos inteligentes, mas é preciso que ela coloque ao alcance desses indivíduos o que precisam para exercer a sua criatividade revolucionária. No final do século XIX, se Santos Dumont não tivesse abandonado sua pachorrenta Palmira não teria sido quem criou o avião, e não teria ido para Paris, onde teve todo o conhecimento acumulado pela civilização ocidental. Teve a oportunidade de proporcionar a humanidade um transporte aéreo. Albert Einstein criou a teoria da relatividade. O mundo teria que esperar mais pelas descobertas se Albert Einstein tivesse morrido pela guerra europeia e se Alberto Santos Dumont tivesse morrido na infância, algo comum no lugar e época que vivia. Mas com certeza outros inventores e cientistas utilizariam os mesmos conhecimentos para realizar a teoria da relatividade e do aeroplano.

Por isso, a herança genética dos indivíduos para as ciências sociais, não é a segurança para determinar seu desenvolvimento durante a vida. A interação do meio e as condições sociais dão características a cada indivíduo. O meio sofre influência do indivíduo, e ele sofre interferência do meio. Portanto, o indivíduo irá realizar feito e conquistas se a sociedade der condições de desenvolvimento de potencial.

4. SER HUMANO, CULTURA E SOCIEDADE³

*Gabrielle Biazi
Samara do Nascimento Moutinho
Rebeca Marina S. de Oliveira
Samyra Gebrim N. de Carvalho*

Há uma grande influência política no campo da cooperação, bem como o princípio de consenso e respeito à natureza da população, bem como a feição dos sindicatos e seus determinantes.

Apesar desse consenso, humanos unicamente por motivo que não fazem parte de condições humanas, como a genética ou que alegam que a cultura reflete as condições naturais de um povo (sua genética e seu ecossistema) têm teses que chamamos de "determinismo biológico" ou mesmo "determinismo geográfico". Ecologia. Então ainda há alguns que refutam a importância da cultura e explicam o comportamento.

Roque de Barros Laraia, antropólogo brasileiro, demonstrações capitulares iniciais do livro, conceito de um antropólogo, que essas teses são equivocadas e não são importantes dos dados. Uma antropologia preocupa-se em demonstrar uma importância da cultura e um mínimo de coisas como nossas características físicas ou o clima e geografia do lugar em que nascemos.

Ao não concordar com os conteúdos determinismo, ele sugere que mesmo em um lugar

³ *Gabrielle Biazi* foi a revisora linguística deste capítulo.

muito parecido, mas longe geograficamente, os indivíduos desenvolveram costumes muito desiguais.

No início desse pensamento pode nos iludir. Recorrentes avaliaram: " Bem, se um grupo de pessoas vive no frio, eles têm que construir uma casa com matérias quentes, cobertas de pele, com paredes grossas". Mas as coisas humanas não seguem um padrão tão lógico. Os esquimós vivem em um ambiente de baixa temperatura, mas fazem lugares onde moram com pedaços de gelo, os mais chamados por "lapões". Chamados também pelo nome de "sami", preencheram lugares que nos dias atuais correspondem á Noruega, Suécia, Finlândia e Rússia. Ao contrário de blocos de gelo, eles moram desde o início do século passado em tendas feitas de pele de rena.

Teorias que atribuem habilidades específicas a "tribos" ou outros grupos humanos são antigas e persistentes. Várias pessoas creem que os nórdicos são mais apurados que os negros; que alemães tem mais conhecimento para automática; que os judeus são mesquinhos e comerciantes; que os norte-americanos são agenciadores e individualistas; que os portugueses são servidores, aleivoso e rudes; que os ciganos são andante por natureza, e, finalmente, que os brasileiros receberam a indolência dos negros, o desleixo dos índios e a riqueza dos portugueses.

O estudo protegido pelos antropólogos é de que não há determinismo. Pois os comportamentos

não são uma simples herança natural isso é mais hermética do que a conciliação entre genes e clima.

Antropologia realizou diversos estudos com diferentes grupos de pessoas, há só uma afirmação que nos leva a pensar que eles estão corretos. Tipo pegue um indivíduo e que acabou de nascer e leve para outro país e lá ele vai aprender os hábitos crenças costumes daquele país porém o ser humano não encontra dificuldade de aprender outros costumes porém essa criança vai apresentar as mesmas dificuldades de aprender determinados costumes do seu país natal do que a que foi criada nesse âmbito

Este indivíduo, podemos ter a convicção de que irá apresentar fala, crenças e costumes que é proveniente do local de seu desenvolvimento e não da sua cultura de origem.

Assim se um casal de um país adotar um bebê de um país diferente e jamais ensinar os costumes do país de origem da criança ela vai possuir tamanha dificuldade em aprender tais costumes do seu país de origem.

Por essa razão não é certo a pessoa ser julgada por seu comportamento ou sua ação que é culturais e, pois, faz parte da história do seu povo e ser medida como sendo uma “essência” de sua determinada natureza.

O comportamento instrutivo é um amontoado muito complexo de saber progressista por gerações assim como as crenças, valores, moral e a vida em conjunto entre outras coisas.

Por esse motivo, pressupor a respeito de uma determinada cultura requer antes de tudo que identifique suas razões. A deliberação a respeito de um costume sem saber o motivo de tal e chamado de preconceito.

Apesar do problema da sociedade, foi possível, em meados do século, revisão da detenção de velhos pensamentos sobre isso. A inferioridade da raça e superioridade, mas há pessoas que ainda estão acreditando em uma diferença confortável entre "pessoas do norte" e "pessoas do sul".

Com base nos conceitos que determinam os fatores biológicos do comportamento humano, muitos vêm para os verdadeiros absurdos drasticamente o corpo e alcançar ressonância mundial. Na Alemanha, o conceito de superioridade da raça alcançou o status de ideologia do Estado (nazismo), atingindo proporções enormes a partir de 1939 em diante. Conceito de cultura local ou regional para o sistema explicativo para justificar uma doutrina de Estado. (CANTO; ALMEIDA, 2008)

A ciência, em geral, e os estudos humanos, em particular, exigem atitude de imparcialidade. Julgar todas as populações e costumes não faz parte de uma atitude científica.

O conhecimento da antropologia procura demonstrar a falta de base válida de atitude. Os preconceitos presentes no costume "julgam os outros".

Até mesmo "guerra de gênero", é a reação das mulheres ao machismo mais dominante em nós Sociedade, usando técnicas de determinismo biológico para corromper as mulheres. Você precisa lembrar,

Muitas vezes há afirmações da "feminilidade" e "natureza masculina" como uma explicação para as circunstâncias criadas ao longo da história, e para expandir as ideias que devem existir sexo masculino submisso (feminino) e sexo dominante (masculino).

Mas os pensamentos desse preconceito também querem mostrar que não há na antropologia verificação válida para apoiar relações desiguais entre os sexos.

Leia o seguinte trecho do livro de Roque de Barros Laraia:

A verificação de quaisquer divisões sexuais revela que é culturalmente determinado, não racional biologia. O transporte de água para a aldeia é um Xingu (como nas favelas do Rio). Adicione cerca de 20 litros de água No início, implicou, de fato, um considerável esforço físico, muito Mais do que o necessário para lidar com uma cúpula (uma arma proprietária dos homens). Até recentemente, carreira diplomática, Colaboradores do Banco do Brasil incluem exemplos apenas macho. Os militares israelenses apontaram que ainda está intacto mesmo após a grande admissão mulheres soldados (LARAIA, 2006, p. 19).

É importante lembrar que qualquer tipo de dissertação que queira explicar as características

comportamentais só pode ser questionado através de uma explicação.

O homem é um fenômeno bastante complexo, apenas explicado por sua biologia, ou sua localização geográfica, de sua influência em relação aos outros. Antropologia tenta provar que a vida social permite uma grande riqueza de interpretações e abordagens comportamento humano.

Diferenças tradicionais mostram essa discordância. Em todos os lugares é provável que uma equipe de indivíduos ofereça, criando novas características e formas de pensar em todo o mundo.

O ser humano depende da cultura para realizar suas habilidades, e por inteligência e o desenvolvimento da comunicação por meio de uma cultura que nos tornamos membros de uma sociedade, Não há indivíduos que nunca tenha sido de uma sociedade.

Apesar de nascermos com qualidades naturais durante as nossas vidas, para expandir as oportunidades sociais são necessárias. Não adianta ter uma inteligência absurda, e ao longo de sua vida por opção desenvolver uma profissão que necessita de um desempenho físico e não do cérebro.

A antropologia recusa como tese a determinista, afirma, portanto o complexo que somos como seres humanos, pois nos somos resultados de influencia biopsicossociais. Ou melhor, nossa composição é natural, são

influenciados e influencia nossas qualidades psicológicas e por fim as qualidades psicológicas influenciam e são influenciadas por convivência social.

Você consegue distinguir como esses três aspectos que definem o comportamento humano agem de uma forma na relação de interferências mutuas? Nosso corpo que é orgânico interfere em nossos sentimentos, que portanto interferem em nossas vidas social, nossos sentimento, que são aspecto psicológicos interferem em nossas vidas e em nosso organismo e em nossa vida social e ela não esta em nosso controle pessoal, interferem em nossas sentimentos e um exercício de diversos exemplos que poderíamos trabalhar. Demonstrando como o nosso sistema biológico, ou penas psicológico ou social não determinam nada. A interferência entre os três aspectos e que forma o ser humano.

O indivíduo é uma espécie de desenhável e criativa, em cada grupo de pessoas as respostas às necessidades têm resultado de uma historia que é única para aquele grupo. Carregam marcas das historias das experiências em grupo vivenciadas. Os grupos vão desenvolvendo em conjunto absolutamente único o que é sua cultura. A cultura precisa ser desenvolvida e não tem resultado de um único fator.

5. O SURGIMENTO DA CULTURA

*Brenda Letícia de Menezes Rodrigues
Isadora Oliveira Cordeiro
Luyan Sousa Sampaio
Marconi Oliveira Marquez Filho
Marcos Paulo da Silva*

Para entender a origem da cultura, tem que entender a da humanidade. Já que os dois andam juntos, pelos fatos dos hábitos serem passados hereditariamente, ou seja, passado de pai para filho, adquiridos pelas experiências vividas pelos antepassados.

O surgimento da cultura é um tema que mostra como o ser humano é influenciado pelo meio biológico (fatores genéticos, bioquímicos), social (culturais, familiares, socioeconômicos), éticos (religião, opinião jurídica) e psicológicos (estado de humor, personalidade), ou seja, somos seres biopsicossociais.

Aparentemente os seres humanos apresentam comportamentos e preferências específicas desde o seu nascimento, como por exemplo: o jeito de falar, de se alimentar, vínculos afetivos e outros.

Após vários estudos científicos explorando profundamente o passado antropológico, chegaram à conclusão que o ser humano não está ligado diretamente a esse mundo selvagem, sofremos anos de adaptações sociais e biológicas que nos direcionaram para viver de maneira tranquila e natural fora desse mundo animal.

De acordo com o biólogo Charles Darwin no século XIX, todas as espécies vivas são resultado da evolução ao decorrer do tempo. Isso implica dizer que se voltasse a milhões de anos, todas as espécies que conhecemos atualmente seriam bem diferentes.

Para que cada espécie conseguisse chegar até os dias de hoje, elas precisaram passar por mudanças e alterações que possibilitaram a sua sobrevivência, podemos chamar isso como adaptação ao meio, e essas adaptações são características de um conjunto de populações e não apenas características individuais.

Além da adaptação ao meio, existe a seleção natural que realmente seleciona os indivíduos mais bem adaptados, são esses indivíduos que irão reproduzir e deixar descendentes que serão privilegiados a sobrevivência, pois já nascem com “vantagens genéticas”.

Digamos que as condições do meio, como por exemplo, a temperatura, a quantidade de alimento e água, e todas as condições ambientais estejam em constante mudança. Segundo Darwin todas as espécies existentes estão sujeitas a dois destinos: ou irão se adaptar e ao decorrer dos anos outras gerações vão apresentar mudanças visíveis para sua sobrevivência, ou não conseguirão se adaptar e com isso a espécie entrará em extinção.

Quais as espécies têm melhor capacidade adaptativa? São as que possuem indivíduos que tem características que os permitem sobreviver e se reproduzir dando continuidade a estas

características. Os outros que não possuem tal característica adaptativa não conseguem lutar pela espécie morrem sem deixar descendentes. Sendo assim, os indivíduos que sobrevivem, depois de muito tempo e gerações, não se parecem com seus ancestrais.

Sempre que falarmos de adaptação e evolução, não significa que sempre os mais fortes se sobressaem e sobrevivem. A força pode ser uma vantagem, porém, existem capacidades adaptativas em determinados ambientes que sobressaem à força.

Na perspectiva evolucionista, adaptação é basicamente algum ser que tem uma habilidade é que fundamental para sobreviver em determinado ambiente e ainda conseguir se reproduzir e passar adiante determinada característica.

Exemplo: Imagine que um povo não tivesse alternativa e começasse a viver dentro de uma caverna, depois de ter passado por uma guerra terrível. Alguns indivíduos, às vezes saem para buscar alimento, mas pelo motivo de ficarem menos expostos, fazem isso no período noturno.

Certamente, indivíduos que têm as características de poder ver um

Pouco mais do que outros no escuro, facilidade de passar um longo tempo em ambientes fechados e autocontrole para não causar desavenças com outros seria uma pessoa melhor adaptada.

Essa vantagem lhes proporcionaria uma maior chance de sobrevivência, assim, tendo mais

chances de se reproduzir e poder conferir certas características à próxima geração. No entanto, aqueles que não mostrassem sua adaptabilidade morreriam.

Bem, depois de várias gerações de pessoas vivendo nessas condições, qualidades físicas desse grupo em comparação com o primeiro, deverá ser tão diferente que poderíamos dizer não ser da mesma família ou espécie. Eles enxergariam bem no escuro, ao contrário das outras pessoas que viveram na superfície. Talvez isso tenha levado a um formato de fossa orbital (buraco no crânio onde se localizam os olhos) bastante diferente.

Para os evolucionistas, a "seleção natural", é a capacidade da geração de filhos com características que permitam a adaptação e sobrevivência no meio em que vivem. Juntamente com a seleção natural, ao longo do tempo, mutações aleatórias também são a causa de modificações de um organismo.

Um fator que problematiza o entendimento comum de concordar com as ideias evolucionistas reside no fato de que não conseguimos enxergar a evolução - embora sempre aconteça - não alterações substanciais, uma vez que as mudanças são muito leves e durante um espaço temporal que é muito longo do ver do Homem.

A mudança de ambiente condiz com a evolução. As mudanças não podem ser mensuradas em intervalos menores que cem ou duzentos mil anos. Dessa forma, muito longe de ser acompanhada por nós. Porém, alguns eventos

conseguimos relacionar com o esforço, a sobrevivência e a necessidade de transformação em espécies, como as galinhas que saíram do meio selvagem para a convivência com o ser humano.

Descobrimo assim um ambiente mais seguro de predadores, onde o alimento é obtido sem esforço e que não seja necessária a busca por abrigo.

Com isso, a conclusão que podemos tirar é de que as espécies não mudam sem ter algo no meio que vivem influenciando-as.

Atualmente, as teorias mais bem aceitas já evoluíram de apenas darwinismo para teorias como neodarwinismo ou pós-darwinismo, decorrência do progresso tecnológico da pesquisa, acarretando novos herdeiros.

6. O APARECIMENTO DO HOMO SAPIENS – UMA ESPÉCIE QUE TRABALHA

*Alexandre José Felipe de Souza
Ana Gabriela Esteves dos Santos
Fernanda Tarabaika de Carvalho
Lucas Emanuel Guímel Carvalho Ribeiro*

O homem originou-se do macaco. Esta controversa afirmação de Darwin ocorreu na segunda metade do século XIX ocasionando uma cisão de opiniões na sociedade da época. Esta discussão se faz presente ainda hoje, uma vez que outra atividade humana ainda mais primitiva se opõe a esta ideia, esta atividade é a religião.

Não há registro de nenhum credo, independente da cultura, que defenda com a afirmativa de Darwin. Do ponto de vista da fé, as vidas provem de um “criador”, um ser superior a toda vida vigente. Sendo assim, para se posicionar a favor de Darwin e de boa parte da comunidade científica, desconsidere sua fé.

Para a ciência não é concebível que um “criador” exista, assim como a noção de que seres humanos são privilegiados, mesmo que possuam capacidade de raciocínio.

De acordo com os evolucionistas, uma espécie prove de outra pré-existente, originando novas espécies e dando fim a outras. Transformações de famílias de símios, os quais fazem parte dos chimpanzés, deram origem aos primeiros hominídeos.

Mudanças biológicas e o desenvolvimento cultural deu origem a nossa espécie. Fatores como a expansão da caixa craniana, a postura ereta, polegares opositores foram responsáveis por desenvolvimento da nossa espécie, possibilitando o surgimento da fala e a habilidade de forjar instrumentos.

As características supracitadas são resultado de um processo cultural forte que necessitava cada vez mais da comunicação e do convívio em sociedade.

Características biológicas: compõem a nossa anatomia, como por exemplo, a forma e estrutura do corpo, não resultam de escolhas próprias.

Características culturais: comportamento baseado em regras sociais. O macaco e o homem tem uma conexão de ancestral, todos evoluíram, tanto espécie humana como animal.

Analisando a evolução da nossa espécie, um único animal da origem a familiares diferentes, entre elas, espécies modernas como chimpanzés e humanos, tendo muitos familiares por milhões de anos entre eles.

A questão biológica e cultural tem interferência para tantas mudanças, à seleção natural nos permitiu uma evolução, sobrevivendo os mais preparados. O cérebro que era pequeno foi aumentando, postura ficando correta e assim aumentando a habilidade da espécie.

De acordo com pesquisas arqueológicas, entre 200 e 100 mil anos atrás teve a origem dos primeiros humanos, tendo migrações da África para

outros continentes. Entre as migrações adquiriram características físicas, devido a questões biológicas dos locais. Os homo Sapiens deu origem a evolução humana.

Nossa espécie humana é resultado de um processo de evolução, nossos ancestrais se diferenciavam dos demais primatas por conta de sua postura ereta, locomoção bípede e uma arcada mais próxima da atual. As armas utilizadas para suas defesas eram feitas de maneira rudimentar, dormiam em ambientes precários da época e não tinham domínio de fogo, só de caça.

Na época o meio de se comunicarem eram desenhos, a arte rupestre vivia como uma tribo para se manter e sobreviveram assim por quase quatro milhões de anos.

A domesticação de animais e agricultura marcou uma etapa importante na evolução da sociedade primitiva, garantindo a alimentação. Com isso o humano começa o trabalho, assim garantindo uma boa sobrevivência.

Graças a essa evolução toda, temos melhores condições na nossa espécie. Utilizamos toda experiência herdada de nossos ancestrais, principalmente para conviver socialmente, e tudo que aprendemos hoje será passado de forma cultural para nossos sucessores.

Com a civilização podemos observar a evolução dos seres, como por exemplo, tecnologias, escritas e até mesmo questões fisiológicas. A humanidade é uma soma de aprendizado, como convivência e comunicação,

assim evoluindo sempre o nosso lado carnal e espiritual.

7. A CULTURA DO HOMEM – UMA ESPÉCIE QUE TROCA E SE ORGANIZA

*Bruna Vieira da Silva
Joyce Samara Ferreira Dias
Mariana Da Silva Lima
Thais Gomes Cardoso*

Para Lévi-Strauss a proibição do incesto é necessária para que haja a “troca de homens entre mulheres”. Uma das condições mais conhecidas para tal reprovação é o domínio sanguíneo sem diferenças, pois como existe um alto grau de parentesco não há troca de cromossomos novos para a formação de um novo indivíduo saudável, por isso se obtêm muita das vezes consequências genéticas graves nos filhos de um casamento incestuoso, outra explicação é de que já se tem um desagrado natural em reprovação ao incesto devido aos fatores genéticos e tendências psíquicas ligadas.

A troca é o meio que domina o mercado, mas para que essa prática se tornasse aceitável o ser humano teve que aceitar que não era autossuficiente, precisando procurar outros mecanismos de sobrevivências. Como na idade média que se conheceu a forma de comércio baseada na troca, e na lei de oferta e procura, mas após a crise houve o renascimento comercial, que trouxe a moeda como foco central do comércio. Porém após o surgimento da moeda não se trocava mais uma mercadoria por outra, e sim pelas

moedas que conseqüentemente iriam ser repassadas na compra de um outro bem.

Não é só mercadoria que se pode trocar, outros meios para isso estão presentes no dia a dia, como a troca de olhares, sangue, favores e até mesmo as conversas que são trocas de palavras. O que se entende é que as trocas fazem parte do cotidiano por que os seres humanos estão em constante reação seja com atos, objetos ou outras pessoas, estamos sempre trocando informações com o ambiente em que vivemos.

O sistema de trocas possibilitou a nossa espécie uma significativa evolução pois antes se dependia apenas do sucesso próprio a sobrevivência, e depois que adotou-se o método de troca as formas de se conseguir subsistência ficaram mais fáceis e claras com a ajuda de outros seres humanos, como na caça nas batalhas e na procriação. Um bom exemplo de troca no Brasil foi a que os índios fizeram do pau brasil com os Portugueses, Espanhóis e Franceses em troca de facas, machados, espelhos, e quinquilharias em geral. Eles usavam algo que tinham e não valia tanto, pra trocar por algo que não tinham e que poderia gerar um lucro de alto valor comparado as peças que davam aos índios.

Os escravos que eram vendidos no Brasil por moedas, eram adquiridos na África por meio de escambo de aguardente e fumo, um material relativamente barato que os estrangeiros ofereciam em troca, porém os habitantes daquela região não tinha um acesso facilitado aquele tipo de material,

por isso se tornava algo de extremo valor para eles. Não bastava aceitar que o meio de troca e escambo era a forma mais fácil de se obter comida, armas, roupas e mantimentos em geral, as pessoas que começaram produzir esses itens para vender ou trocar precisaram aprender novas formas de organização coletiva.

A proibição do incesto mostra que em algum momento da história notou-se que o relacionamento entre parentes começou a ser percebido e reprovado, com isso, muitas famílias que tradicionalmente relacionavam-se com suas filhas e irmãs entre si tiveram que abandonar esse hábito e fazer com que essas mulheres se casassem com pessoas de outras regiões sem parentesco algum.

Em pouco tempo as mulheres estavam sendo trocadas entre tribos vizinhas, garantindo assim a continuidade de uma linhagem e também promovendo a paz entre si, já que uma tribo não poderia atacar a outra, pois suas filhas e irmãs estavam lá. Assim com a disseminação de mulheres para outros lugares elas garantiram que os laços sociais permanecessem intactos e ajudaram na fortificação da sociedade, tornando-se então de extremo valor para manter a estabilidade entre os grupos.

O que antes eram apenas “bandos” começaram a se transformar em sociedades mais organizadas preocupando-se com os melhoramentos de suas atividades como: segurança e distribuição de alimentos. A reciprocidade é a troca, é ato de retribuir ao outro

igualmente o que ele te proporcionou, esse ato reforça fortemente os laços entre os humanos, como exemplo: uma mãe que amamenta seu filho como forma de amor é conseqüentemente retribuída com amor o carinho e apego da criança.

Já no reino animal Babuínos do sexo masculino constituem alianças uns com outros com o objetivo de distrair a atenção do alfa que monopoliza as fêmeas em idade de reprodução, permitindo que outros machos copulem com elas, os papéis são invertidos posteriormente, como "pagamento". A troca de mulheres deu um novo significado a reciprocidade, pois pessoas que antes eram desconhecidas se casaram e tiveram que estabelecer um novo contato e criar laços e isso é possível através da troca de carinho, amor, e compreensão.

É mais fácil estabelecer essa confiança de troca com alguém que já conhecemos e convivemos como, por exemplo, a família, porém é necessário ter o mesmo objetivo para com um sócio ou franqueado por exemplo, no ramo dos negócios é necessário ter esse tipo de atitude recíproca como a honestidade, transparência e respeito para que os negócios possam prosperar. As empresas apostam na reciprocidade para manter o cliente consigo usufruindo dos seus bens e serviços e gerando lucro, fazem isso por meio de promoções, descontos e fidelização.

Também há reciprocidade entre o patrão e o trabalhador, um presta a mão de obra necessária e como retribuição o patrão lhe dá dinheiro

proporcional ao trabalho executado. Evoluir não é mudar totalmente, e adaptar-se as novidades juntando elas ao que já foi descoberto e a partir disso formar algo melhorado, pois grande parte do que somos hoje é antecedente ao que outras pessoas aprenderam e não deletaram, apenas passaram adiante e nós adicionamos coisas a essas experiências e conseqüentemente passamos para os nossos filhos que terão os próprios princípios e aprendizados para adicionar a vida.

Os seres humanos se baseiam em algo ou alguém antes de ter formado seus próprios princípios, mas as regras impostas para viver em sociedade e a educação familiar são os dois fatores de maior impacto para a formação de alguém com boas noções do que é certo e errado.

Deve-se entender que todos somos resultados de combinações, e essas combinações de diferentes tipos de opiniões, atitudes, crenças e diversidades, são elas que formam o meio social em que vivemos. Considerando que o fato de seguirmos as regras seja um fator evolutivo percebemos que evoluímos para que a convivência com os outros seres humanos seja mais fácil.

Como já dito antes a sociedade é formada por diferenças, pessoas que tem habilidades que agregadas ao meio em que vivem exercem atividades produtivas que colaboram para que o meio social funcione bem, por exemplo, um pedreiro constrói uma casa que foi projetada por um arquiteto e o mesmo foi formado por um professor, vemos que tudo está interligado e isso se

dá pela diversidade de habilidades que cada um desenvolve de acordo com sua herança genética, já no reino animal existe uma hierarquia onde um animal nasce com determinada função e só vai exercer tal ato até o fim de sua vida, sem a opção de mudar.

Nos seres humanos temos a possibilidade de escolha de nos capacitar ou de exercer diferentes habilidades e projetos ao longo de nossas vidas podemos nos graduar em uma faculdade, mas em casa exibir habilidades na cozinha, pode-se atuar bem como professor, mas fazer aulas de dança nos fins de semana, o que se tem é um leque de possibilidades e de tarefas e robes a serem desenvolvidos.

As consequências de uma evolução tão rápida em pouco tempo é com certeza o individualismo, pensar sempre em conseguir mais dinheiro para si mesmo, adquirir um novo carro, cabelo ou viagem que é tão sonhado, essa ambição cresce cada vez mais nos grupos sociais, e é por isso que se tem voltado mais para a aproximação das pessoas, para que conectividade não seja só virtual, que se troque menos “likes” e mais abraços, que menos momentos sejam “visualizados” e sim vividos intensamente com o próximo, pois a maior forma de ser recíproco é olhando nos olhos e dizendo coisas, e sentar frente a frente pra ouvir e ajudar alguém com problemas é sendo mais “humano”.

As comunidades virtuais são um belo exemplo da retribuição social, muitas das pessoas

com quem nos relacionamos na internet não se encontram no mesmo estado ou até mesmo no mesmo país que o nosso, mas, mesmo assim, nós ligamos por algum aplicativo de mensagem. As redes sociais surgiram para “aproximar” as pessoas, por meio de mensagens e fotos é possível ser interativo e trocar sentimentos, alegrias e momentos com alguém que esteja longe.

Mesmo sendo uma rede social é possível enxergar reciprocidade em muitos atos pela internet, mobilizações a favor de desabrigados, doentes e necessitados, comunicação de pessoas desaparecidas, denúncias, tudo é possível nessa vasta rede onde quase todos se conectam todos os dias, e de certa forma essas atitudes são um favor a sociedade, são um acalento em meio a tantas tragédias, e saber que alguém do canto mais remoto do mundo pode ajudar uma pessoa vítima de um atentado terrorista ou furacão é incrível, nós faz pensar “o que eu fiz ao próximo hoje?”

Claramente que seguir leis é algo comum e aparentemente normal, pois já se tornou um princípio humano saber respeitar e seguir todas as regras de uma sociedade e de um país, porém essas regras são feitas de acordo com os costumes, é notável que não exista nenhuma regra ou lei que repudiamos ou achamos totalmente errada, por que todas as leis são baseadas nos princípios e não podem ofender nem colocar em risco dignidade humana, por exemplo, não se pode ter uma lei aprovando o incesto entre parentes, por que esse é um ato repudiado pela sociedade e as

leis são reflexos críticos dos possíveis atos errados que podem vir a acontecer. Tudo é pensado para que se possa respeitar os princípios e a moral de cada cidadão, não quer dizer que todos vão se agradar com as leis e regras impostas, mas é necessário se ter uma parte majoritária que aprova.

Portanto vimos nesse capítulo que as ligações de troca dos seres humanos vão bem mais além do que o simples e corriqueiro “bom dia” que dizemos por educação, são princípios, ensinamentos, aprendizados e lições de vida e acima de tudo a responsabilidade de se tornar menos individual no dia a dia e ser mais coletivo, pensar no próximo e em como as nossas atitudes influenciaram no nosso meio de convívio.

8. O SENSO COMUM E A CIÊNCIA ANTROPOLÓGICA EXPLICAM A CULTURA: A CULTURA EXPLICADA PELO SENSO COMUM

*Ana Karoline Silva Gomes
Jéssica Karolina Mendes Cezari
Thaianny Pereira Guedes
Thaynara Santos de Lima
Werter Ximenes*

Diferentes significados são utilizados para a palavra cultura no nosso dia a dia. Definimos e julgamos pessoas e povos em situações vividas por causa desse uso, criamos heróis admirados e respeitados. Chamamos de senso comum, a capacidade das pessoas de implicarem palavras e conceitos para explicar algo que viveram, sem recorrer a livros, instituições ou reflexão. Discutiremos algumas utilizações do senso comum e suas implicações, a seguir.

De tal modo, situações complementares sobre a cultura, exemplo: na pronuncia dessa frase "que cultura abundante você tem", o que podemos explicar sobre essa afirmação? Que o indivíduo tem a capacidade de acumulo de conhecimento, e isso se chama "cultura letrada". O termo "ter cultura" significa o domínio da capacidade do conhecimento letrado. De acordo com esse tipo de raciocínio, são letradas as pessoas com "muita cultura" ou sendo "pouca cultura", com isso têm as distinções entre pessoas especiais e o restante delas por serem "sem cultura" tiveram pouco acesso.

Criamos uma posição de domínio onde menor porcentagem está no topo de maior poder cultural, com isso o julgamento condiz "povo sem cultura" e "povo sem cultura". A utilização dessa crítica não quer dizer "povo sem cultura" e sim o povo que não está adaptado a cultura de determinado meio social.

Para o senso comum, cultura possui um sentido de erudição, uma instrução vasta e variada adquirida por meio de diversos mecanismos, principalmente o estudo. O conceito de cultura é bastante complexo. Em uma visão antropológica, podemos o definir como a rede de significados que dão sentido ao mundo que cerca um indivíduo, ou seja, a sociedade. Essa rede engloba um conjunto de diversos aspectos, como crenças, valores, costumes, leis, moral, línguas, etc.

Nesse sentido, podemos chegar à conclusão de que é impossível que um indivíduo não tenha cultura, afinal, ninguém nasce e permanece fora de um contexto social, seja ele qual for. Então conclui-se que a cultura para o senso comum só serve para diferenciar as pessoas. Não existe pessoa sem cultura, pois todas pertencem a um determinado grupo, com seus hábitos e costumes.

O conceito antropológico de cultura

A antropologia acabou se concentrando no conceito de cultura, isso explica a grande diferença de comportamentos esses povos e os povos europeus. Antropologia é uma ciência dedicada ao

estudo do homem, que no latino “anthropos” significa Homem, e “logia” significa estudo. E tem como papel principal empregada em estudar o conhecimento científico sobre todas as sociedades primitivas, assim eram chamados os não europeus, ou seja, os que moravam nas Américas, África e Austrália.

Hoje em dia, não estudamos apenas penas comunidades e tribos mais longe dos Centros desenvolvidos, mas sim em qualquer ambiente que tenhamos convívio social. Comprovamos que a diversidade cultural não está apenas no meio de tribos primitivas ou povos civilizados, aprendemos que está em todas as partes aonde tenha contato entre duas culturas distintas e valores diferentes.

Antropologia é o estudo dedicado ao homem. Surgiu em XIX com objetivo de um conhecimento maior sobre as sociedades primitivas. Que eram os povos não europeus ou de culturas diferentes.

Nos dias atuais, esses estudos não visam tribos, comunidades pequenas e distantes de grandes centros desenvolvidos. Mas qualquer ambiente tenha algo de cultura, crenças, leis, costumes e conhecimento desse povo, sejam eles desenvolvidos ou não. Isso ocorre devido eles perceberem que a diversidade das populações vai além deles serem povos primitivos ou civilizados.

No começo da globalização a aproximação entre culturas deu início a uma importância na fase do mundo, pois devido a ela as populações em si poderão ter um contato mais próximo com outros

costumes diferentes dos seus, tendo um choque cultural.

Assim compreendemos a importância da cultura de cada país, o primeiro conceito de antropologia foi feito por Edward Tylor, sendo assim o pioneiro a ingressar nos valores que vieram junto a elas.

9. O ATO DE SIMBOLIZAR E A CULTURA

Mateus Maia Duarte de Souza

Ao pensar em símbolos lembramos daquelas placas com figuras, figuras religiosas ou até em sinais de matemática. Porém, na realidade os símbolos são toda a forma de se comunicar e socializar.

A habilidade de simbolizar é natural a espécie humana. Grande parte da comunicação social é desenvolvida localmente, muitas vezes acreditamos que falamos uma linguagem universal, porém não é bem assim.

Ao comunicar tentamos transmitir uma ideia básica, recorremos então ao som, que é uma onda mecânica, levando as pessoas presentes entendam em que o comunicador quer afirmar.

Sendo assim, essa flor não é algo "real" que existe naturalmente, mas é o som que representa esse acontecimento. Os símbolos então não conseguem ser passados fidedignamente com o que estamos pensando.

O que se pode depreender é que por mais que a coisa "flor" não é transportada em si para nossa mente, mas mesmo assim podemos pensar nela, mesmo que não exista fisicamente.

Atribuimos qualidade ao mundo através das nossas experiências, simbolizando, fazendo com que possamos qualificar o mundo.

É importante observarmos que no meio natural não existe qualidades. Um acontecimento como um tsunami, não é ruim senão do ponto de

vista das catástrofes causadas aos seres humanos. Na terra não existe julgamentos quanto ao acontecimento.

Os símbolos podem expressar coisas, ideias e pessoas que não estão presentes, também faz com que a comunicação seja mais rápida, transmitindo assim sentimentos e ideias complexas. Cada cultura tem sua forma de criar símbolos, sendo assim um processo considerado coletivo, sendo assim, vários símbolos do cotidiano têm significados no seu local de origem.

Os seres humanos são seres criativos, porém ao mesmo tempo são criadores de regras, que são necessárias para que a sociedade coletiva não entre em colapso. O "comunicar humano" só é possível por causa do conjunto de símbolos.

Objetos do cotidiano podem ser utilizados para demarcar posições de status social ou de sua devida função. Sendo assim um objeto pode caracterizar uma pessoa através de seu nível financeiro.

Uma palavra pode significar um conjunto de ideias e valores, o que pode ser chamado de repertório. Exemplo: coração.

1. Sendo um órgão do sistema circulatório.
2. Sendo um sentimento de amor.
3. Como centro de algo.

Podemos perceber que uma única palavra pode ter um repertório de significados para nossas ideias. Pode-se dizer então que a cultura é um sistema de símbolos, já que os mesmos caracterizam uma cultura de um local em

específico.

Noção de liderança

Na cultura japonesa o líder não precisa, necessariamente, ser “simpático” ou “bom” para receber de seus subordinados um tratamento de confiança, admiração ou reconhecimento, já na cultura ocidental, o líder precisa “mostrar” que merece o cargo que ocupa “conquistar” a confiança. As roupas que usamos é um grande exemplo de simbolização, tendo em vista que não as usamos apenas para nos proteger do frio ou calor, tem uma carga social associada.

Não é necessário entender quem criou determinados símbolos, e sim compreender a necessidade de um grupo manter e reproduzi-los. O comunicar para ser entendido deve ser interpretado pelo ouvinte, a partir daí essa linguagem passa a ser entendida.

Grande parte da nossa comunicação é feita através de uma “convenção social”, que nada mais é que uma adaptação da conversa para determinada situação.

Várias marcas atualmente são vistas por causa de seus status social e não apenas pelo significado original da marca.

Os símbolos quando saem de sua cultura e integram a outra seguem com ações diferentes e são incorporados a outros parâmetros de interpretação. Também podem dar uma característica de um grupo a um ser.

A ideia que é passada por símbolos pode ser variável visto que o contexto histórico pode alterar esse significado, um exemplo disso é a suástica usada pelos nazistas na Segunda Guerra, na guerra era vista como um símbolo de poder pela Alemanha, porém pós Segunda Guerra é visto como um símbolo de ódio.

Nota-se que para sermos inseridos na sociedade é necessário que haja uma comunicação entre os seres que nela convivem.

10. AS RELAÇÕES HUMANAS DEPENDEM DE VALORES E REGRAS⁴

*Bárbara Eloisa Oliverio Duarte
Isabelle Melo da Anunciação
Laila Gabriela de Lima da Silva
Pedro Henrique Dutra
Victoria Machado de Paula*

Objetivos

Diariamente enfrentamos a necessidade de nos conformarmos e conhecermos as regras. As aptidões de contato com grupo, que promovem a tranquilidade e a inclusão, são geradas pelo entendimento de porque e como a comunidade cria normas e sua relevância no convívio social. Outras vezes somos responsáveis pela criação e zelo para que sejam cumpridas.

As repercussões sugeridas neste item colaboram para atingir o aprimoramento a fim de tratar os eventos conflituosos.

Introdução

Os princípios, as diretrizes e as regras interferem nos vínculos coletivos em qualquer grupo.

⁴ *Marcela Gyovana Azevedo Menezes* fez a revisão linguística deste capítulo.

Para que a nossa conduta se torne menos egoísta devemos explorar maneiras de atuação que norteiam a mesma, levando em consideração os valores, as normas e as regras aplicáveis a determinada situação ou ao respectivo grupo, seja ele qual for.

A sociedade não existiria se cada pessoa privilegiasse somente suas pretensões, seguindo seus impulsos e realizando suas vontades, em prejuízo dos demais indivíduos. As regras são importantes para estabelecer as relações entre os indivíduos e fazem parte da cultura, contribuindo para a organização da sociedade. As regras sociais tem o papel, ao longo da vida, de se tornarem hábitos quando feitos repetitivamente. A socialização torna viável a instrução para atuar de acordo com as normas.

Os princípios que são preservados pela comunidade e constituem parte do proceder individual, como executar a higiene pessoal, limpar os dentes, preparar as comidas, se trajar em ocasiões definidas e se portar no trabalho são exemplos de uma padronização de atos, convertida em costume. Os princípios atuam em todo meio cultural estruturando a vida.

Devido à diversidade de culturas, destaca-se a importância da adaptação as regras para favorecer o convívio pessoal e coletivo.

Conceitos principais

Socialização, regras, hábitos, valores, normas.
Normas e princípios - desenvolvimento

A nossa inteligência, os aspectos de conduta social e às nossas eficiências biológicas nos tornam humanos. Devemos abrir mão de grande parte do nosso egoísmo estrutural para participar de uma comunidade. Para que haja o controle efetivo do grupo sobre os indivíduos são aplicados os valores e normas que orientam a conduta social.

Ações coerentes ou incoerentes são julgadas através de valores. Determinados por um grupo que tem uma boa conduta social.

Para que a atitude seja correta existem as regras, os parâmetros para o nosso caráter são os princípios. Os próprios critérios ocorrem quando não estamos de acordo com certos princípios que norteiam as atitudes das pessoas. A integralidade de princípios e regras de uma sociedade não necessita que todos apoiem ou concordem com isso.

Todavia diversas vezes notamos que alguns princípios se mantêm em nosso meio e que é impossível modificá-los singularmente. Além do mais é considerável evocar que a sociedade é ativa, e que, no decorrer do tempo, os princípios e as condutas podem se modificar conforme estabelece a coletividade.

Até o período de 1960 o ato de ser beijado na boca em público, era visto como falta de respeito. Nos dias atuais, isso mudou muito. Era dever das mulheres se casarem virgens, pois a virgindade feminina determinava sua reputação, atualmente a castidade deixou de ser relevante.

Entretanto, o que é com exatidão um regra?

Ao consultarmos o dicionário concluímos que temos por regras tudo aquilo que regula, normatiza ou define de maneira equilibrada, alguns comportamentos, atitudes ou protocolos.

O que é possível notar na definição do dicionário sobre a regra?

Há duas grandes regras consideráveis para a nossa compreensão. Uma delas se relaciona com regras e leis. Seria a junção de conceitos representando as leis de uma sociedade ou as regras de alguma brincadeira.

Existem aquelas definidas como informais, onde não têm necessidade de serem analisadas pela escrita. O que define nossas vidas e o que fazemos no nosso cotidiano são as regras.

Há diversas categorias de regras. E todas elas são necessárias para basearmos algumas de nossas atitudes no dia a dia e no decorrer da vida.

Mas podemos equivaler costumes a regras? Costumes são práticas frequentes e regulares de efetuar alguma coisa. A semelhança de hábitos, dependendo do contexto, passa a ser entendido como regra.

A cultura é, portanto, constituída por vários costumes. Nos alimentarmos com talheres ou palitos, banharmos em duchas ou imersão, dormirmos em redes ou camas, e uma imensidão de tarefas que realizamos.

Quando uma regra é repetida constantemente ela se transforma em costume, assim notamos que não precisamos nos questionar em como fazer determinadas coisas. Isso quer dizer que atitudes rotineiras como nos alimentarmos ou dormirmos etc., são regras?

De algum modo sim! Na maioria das vezes, ao presenciarmos um hábito, que não faz parte do nosso “comum” o nosso comportamento é de condenação e repressão. Evidente que isso muda de acordo com a circunstância e o grau de proximidade, mas sempre ou na maior parte das vezes, nos surpreendemos com as atitudes que fogem do esperado ou que são simplesmente diferentes do nosso cotidiano.

Dependendo da situação avaliada e do contexto, algumas regras se tornam hábitos.

A partir do momento em que deixamos de pensar naquela regra como uma obrigação, ela se torna um hábito.

Existe um questionamento sobre existir ou não mais de um conjunto de normas e valores. O que nos dá entendimento de como agir em todas as situações é a amplitude do mesmo.

Cada esfera social determina valores e normas, escolhidas por eles, para serem praticadas por grupos específicos dentro da cultura.

Têm aquelas que englobam toda a população daquela sociedade, assim como as específicas, que são executadas por grupos específicos. Talvez esses valores são definidos pelo próprio grupo social, onde todos concordam ou não.

Concordar e discordar com a sociedade ao todo faz parte de um modelo que grupos e indivíduos estabelecem entre si. Tudo depende da legitimidade e relevância que o grupo adquire diante deles. Coisas até então consideradas impossíveis, podem ser alteradas por meio de influência. Entretanto, é necessária a presença do conjunto de valores, independentemente de estarem de acordo ou não.

Consenso, relacionado aos valores, é a concordância com as atitudes e a atribuição do grau de importância de uma sociedade.

Os valores e as normas, ou seja, esse conjunto, devem ser mantidos, por meio de uma “vigilância”. Contudo, para que haja o comprimento desse conjunto, há vários níveis de “vigilância”. Sendo um deles o Institucional. Um exemplo de instituição é o próprio Estado, suas leis e as pessoas que as põem em prática.

Há também o nível de convivência social. Nesse nível, no contato entre as pessoas é perceptível o julgamento e a conduta de uns com os outros em todo tempo. As frases ditas são uma

maneira de mostrar que todos devem estar incluídos nas normas e conjunto de valores, pois valem por completo. Os que não seguem esses conjuntos acabam sendo repreendidos e punidos moralmente e psicologicamente no quesito social.

Retomando há normas que são gerais, umas que só se aplicam em alguns grupos e outras determinadas através da influência exercida por um grupo preponderante.

Para determinar normas e valores em uma sociedade é imprescindível uma disputa para chegar-se ao consenso, pois há uma discussão constante sobre os valores existentes, mesmo nenhum sendo de consenso absoluto, mas que corresponde a opinião da maioria.

O “jogo social” nos ensina a cumprir regras desde cedo. Aprende-se que é preciso seguir regras, caso contrário, não se desenvolve um jogo. Pois, quando se há uma mudança nas jogadas, torna-se um jogo diferente.

O processo de transição de valores sociais é lento, e para que ele ocorra é necessário o envolvimento e debate entre todos, de forma coletiva, para que vejam que abrir mão de alguns valores ou a transição de regras não ocasionariam perdas.

Fazer mudanças dentro de grupos sociais menores certamente é mais fácil, o debate coletivo constante é de fato necessário aos que participam. Mobilização para os debates é efetivamente mais rápida em escolas, faculdades, empresas, clubes, entre outros.

Sabendo que há um período longo de transição, certamente mobilizar toda uma população é método demorado, tendo em vista a situação, ocorrem de fato divergências de opiniões de como ambos devem se portar.

Seres humanos se enquadram a uma série de regras o que não os permitem qualquer reação a todo tempo. Isso diz respeito à atitude que os mesmos têm de abrir mão de fazer e falar aquilo que de fato pensam ser o certo por receio do julgamento do próximo.

Regras não precisam e não são algo que “intimidam” ou “detêm” indivíduos. Assim como a fala, a escrita não deixa de ser um conjunto de regras. Se não as seguíssemos provavelmente seria impossível de nos comunicarmos uns com os outros. Recorremos necessariamente a linguagem para formularmos nosso raciocínio da forma que aprendemos. Já parou pra pensar que intransmissível se tornaria nosso raciocínio se não os desenrolasse por meio de palavras?

Para fazer sentido existe um cronograma de ordem linguística e de logicidade e sendo assim a escrita, como formas e dialeto são repletos de normas.

A respeito da fala, particularmente ou globalmente, as normas têm uma linha de raciocínio na construção e entendimento dos seres humanos.

Perante aos dialetos, basicamente tudo em nossa etnia torna-se aplicação de normas. Para ter domínio de um pensamento ou assunto são

necessárias regras de acordo com a norma desta língua. Desta forma é possível dizer exatamente aquilo que se passa em mente.

O linguajar e a etnia não existem isoladamente, um depende do outro para existir. Não nos comunicaríamos sem a vasta expansão da linguagem culta, limitaríamos as conveniências de nossos instintos.

Aprendemos em nossa cultura o que é correto a se fazer e também quais atitudes devemos ter diante de sentimentos como paixão, dor, raiva etc. A forma que temos para expor não é inerente. Vamos pensar em uma forma de exemplificar?

Sendo assim, falaremos de amor materno. Será que o amor de uma mãe para com o filho é um sentimento que todas as mulheres possuem dentro de seu ser? Não, infelizmente. O amor materno muitas vezes não está inserido no meio social em que muitas mulheres vivem. Se amor fosse intrínseco não aconteceria suscetível abandonos em lugares imundos como se é comum avistarmos em jornais noticiosos, certo?

Pois bem, pode-se expor que em casos relevantes como este a “incapacidade” o “aperto” é significativamente soberano a afeição pelo recém-nascido, mas em tal caso é admissível que circunstâncias sócio/culturais apresente-se sobre sentimentos instintivos?

Pode-se questionar o motivo de em situações de “terror” e “pânico” a sensação de abandono e incapacidade serem significativamente

maiores nesses casos que o afeto pela criança, mas será mesmo provável que situações como as citadas acima e também sócio/culturais estejam realmente acima de sentimentos inerentes?

Bebês são abandonados a todo tempo, não somente por questões financeiras, pois existem relatos de mães que abandonam seus filhos mesmo tendo boas condições financeiras.

Moralismo, “bufunfa” e tantos outros fatores podem sobressair ao “afeto materno espontâneo”? No momento de tomar decisões, são colocados na balança os nossos valores e o moralismo, superando a paixão ou a própria vontade para consigo.

As línguas são intrínsecas à cultura, pois fazem parte dos pensamentos e formas culturais e sociais de vida. Assim como qualquer símbolo e suas representações, partem de uma ordem lógica e são ordenadas por regras, nos mostrando que a cultura segue essa mesma regra e ordem, através da troca de significados, possibilitando, a comunicação e o entendimento compartilhados.

Há também outro sentimento, o ciúme. Em culturas diferentes, é normal e conveniente “sentir ciúmes” dependendo da situação em que se encontra. Porém, na cultura brasileira, onde há monogamia, é rotineiro cenas de ciúmes entre casais de namorados ou de pessoas casadas.

Entre os casais existe uma facilidade em demonstrar esse sentimento uns para com os outros e muitas vezes são incentivados em suas demonstrações. A monogamia tem como regra a

fidelidade. Já em outras culturas podemos ver a presença da poligamia nos relacionamentos.

Acha que esse tipo de ação pode acontecer? Não! Em determinada povoação o casório deduz diversos aliados constituídos de modo legal, as situações de ciúmes não são observadas, porém, no entanto, os indivíduos são induzidos a praticarem essa atitude reprimindo o próximo.

Todos os sentimentos humanamente possíveis têm influência para que possamos nos expressar de um modo geral. A cultura de um povo carrega enormes emoções que eles ganham em meio à sociedade.

Alguns exemplos foram citados como, ao decorrer da vida, as pessoas correspondem às suas culturas conforme foram colocados ou influenciados em determinado grupo. Achar que é errado o que é apenas novo para aquele indivíduo, quando aquilo talvez já faça parte do seu cotidiano.

Caráter é o que um grupo social tem como valor específico na vida de seus componentes, as várias condutas são especificações baseadas nesse caráter.

No meio de trabalho não é diferente. Todos nós nos acostumamos às regras no processo de associação e ao mudarmos de serviço, mesmo que seja em outro cargo ou em outro local, necessitamos nos adaptar em determinado tempo, isto é uma compreensão de socialização.

As normas são a forma de garantia dos grandes e pequenos grupos sociais para que o indivíduo tenha atitudes das quais beneficie o grupo

como um todo e não somente aquele indivíduo. Ao praticarmos o bem, aprendemos não só a conviver com as diferenças, mas respeitá-las, deixando de lado atitudes indesejáveis, maldosas e individualistas que não nos levam a lugar algum, pois quando constantemente se bate de frente, torna-se difícil chegar a um consenso. Imaginou como seria estressante o meio social onde os integrantes só pensam no próprio umbigo?

11. AS MUDANÇAS DE REGRAS E VALORES

*Bhábara Thais Bueno de Oliveira Andrade
Carolina Santos Fernandes Ferreira
Joyce Aparecida da Silva Souza
Nicole Santos Messias
Rafaella Angelim Maia Vasconcelos
Walla Gonçalves do Amaral*

Está em rápida mudança a aglomeração de valores e regras de uma cultura.

Não é possível ter os mesmos valores interminavelmente, pois uma cultura transforma-se ao decorrer dos anos por isso o conjunto de valores e regras estão em constante mudança. Se por exemplo existir uma modificação na tecnologia, irá abalar meios sociais desde na família como no trabalho.

É de se perguntar: é possível uma modificação na tecnologia alterar valores familiares? Claramente! Inclusive na nossa própria cultura. Os componentes de uma família cada vez mais se entrosam com aparelhos eletrônicos mais do que com os familiares. A tecnologia recebe mais importância do que o fluxo pessoalmente entre relações familiares.

No mundo do trabalho em associação com os valores e às regras, existem inúmeras modificações, que começam nas condições na formação até costumes que precisam ser reprimidos por superiores, assim como a perda de

tempo das pessoas com a interação social eletrônica.

Uma alteração de valores leva a outra, pois a cultura funciona em associação. É um todo em união e não há como separar algumas de suas peculiaridades e ter certeza que não haverá transformações.

As mudanças podem resultar de dois fatores principais, internos e externos, segundo Laraia (2006).

Mesmo sem referências de eventos ou de uma população externa, a vida coletiva pode haver alterações visualmente com o tempo. O encontro de genealogia antepassada com a atual é um bom fator para perceber esse acontecimento. Porém, na maioria das vezes, são as mudanças mais demoradas para serem percebidas e que podem ser adiantadas com fatos históricos como uma inovação tecnológica ou mesmo um conflito.

Com as externas são mais inesperadas e normalmente se resultam da influência com uma cultura de outro. Como por exemplo na nossa antiguidade com a chegada dos europeus ao continente americano, no período das Grandes Navegações, a partir de 1500 d.C.

Existe uma infinidade de valores que podem ser encontrados em comunidades ou pequenos grupos, não sendo, todavia, obrigatório que esses valores somados representem a sociedade - integrada por esses grupos. Há, não obstante, uma norma vigente, representada por um aglomerado

desses valores e que perpassa a sociedade, não importando nenhum atributo pessoal.

Denomina-se isso de valores predominantes ou valores vigentes. Caracterizam-se esses valores por estarem diluídos na sociedade e serem protegidos pela maior parte de seus membros – chegando-se a dizer-se que eles representam aquilo que se denomina de cultura.

Interessa-nos, por oportuno, a análise da transformação desse emaranhado principal de valores. Como faz a sociedade para realizar e compreender a alteração de valores que são tão caros a maior parte dos seus integrantes?

Qualquer mudança de valores inevitavelmente ocasionará situações indesejadas para alguns indivíduos. Tal se dá já que os nossos comportamentos individuais são regidos por controles sociais, e assim o sendo, em casos de comportamentos impróprios ou indesejados moralmente, haverá consequências e sanções de ordem pessoal e ético. Essas sanções aos indivíduos se perfazem por meio de ataques à sua moral objetiva, de segregação ou mesmo da imputação de encalços morais.

Ter contra si desferidos ataques verbais por meio de nomes vergonhosos e difamantes, receber tratamento inferior ou mesmo ser “deixado de lado” são modalidades de sancionamento moral aplicados pelos grupos em detrimento dos indivíduos desviados dos parâmetros socialmente aceitos.

Assim, é possível estabelecer-se quem são os indivíduos que objetivam manter o status quo, que visam a manutenção da sociedade da forma como ela é; e quem são as pessoas que a despeito de todo o sofrimento que lhes possa ser impingido lutam pelas alterações que desejam ver realizadas.

O modo de alteração de normas e valores são hábeis a ensejar suas principais reações no meio social: aqueles que concordam (conhecidos como ousados); e aqueles que rejeitam (conhecidos como retrógrados).

É possível, desse modo, enxergar a sociedade como o ambiente propício a essas duas correntes (Laraia, 2006), em que os conservadores objetivam manter os costumes inalterados, chegando até a lhes atribuir legitimidade transcendente. E os libertários refutam a sua continuidade, objetivando a sua revisão por outros paradigmas.

Agir em desacordo com as normas morais vigentes, segundo esse doutrinador, possibilita a criação de embates.

Os valores instituídos atualmente são representados pela parte tradicional da sociedade. Assim, julgar e reprimir os valores progressistas torna-se fácil. Para que ocorra uma transformação desses valores vigentes na sociedade, é preciso que a parte inovadora enfrente as mais variadas situações de repressão até que seu comportamento seja naturalizado e não seja mais visto como uma situação de ameaça.

O sistema de valores e a cultura de uma sociedade possuem dois níveis de existência: o ideal e o real. O ideal seria a teoria, o desejado pelas pessoas. O real, por sua vez, é como os valores são, de fato, colocados em prática na sociedade. Esses dois níveis de existência mostram como uma coletividade pode ser controversa.

Cite-se como exemplo a regra da fidelidade matrimonial. Nos valores atuais, o matrimônio deve ser uma instituição composta somente de duas pessoas, ou seja, uma relação monogâmica. Todavia, é possível verificar casos de infidelidade até mesmo em casamentos entre pessoas extremamente tradicionais, o que evidencia essa relação dúbia entre valores ideais e reais e gera um dano afetivo principalmente ao outro cônjuge.

Ocorre que esses valores não se referem somente a questões sexuais ou à conduta em público. Os valores também correspondem a ideais ligadas à consciência e à mente. Um exemplo atual é a questão da preservação do meio-ambiente, que se tornou um valor após a humanidade perceber a ausência de sustentabilidade na utilização dos recursos ambientais.

Alguns aspectos sociais, porém, não possuem um consenso de valores, podendo ser até opostos. O trabalho, por exemplo, é visto como sinal de dignidade, realização e esperança por uns e martírio e sofrimentos por outros.

Em nossa sociedade atualmente há outros exemplos que ilustram ideia sobre as regras e valores? Por algum tempo faça esse exercício.

Procure fazer uma lista dos valores relativos a cada um deles, mas relacione também aspectos de nossa vida social como a família, as amizades e o lazer.

Quando você terminar, é necessário que compreenda esse movimento de cultura em torno das regras e dos valores, percebendo como os valores vão mudando com o passar dos anos.

O tempo sempre muda algumas coisas, mesmo que a sociedade pareça estar do mesmo modo. Constante transformação ocorre na cultura, visto que é algo dinâmico e vivo.

Entenda as mudanças de nossa época, preparando-se, é um grande desafio construir uma opinião em que pessoas se posicionam.

Pode-se concluir, que a mudança está sempre em cada sistema cultural e é inconstante. Para evitar pensamentos preconceituosos é importante entender essa dinâmica tratando de um choque entre gerações. É fundamental também para humanidade entender as culturas, para que possamos evitar comportamentos preconceituosos, entendendo suas diferenças e aceitando-as todas que ocorrem dentro de um sistema. Enfrentar serenamente esse constante e admirável mundo novo do povir é o único procedimento que prepara o homem diante de tudo isso.

Pessoas conservadoras tem tendência a se tornar menos flexíveis e mais preconceituosas. Não refletir sobre as mudanças, por outro lado e abraçar todas as novas causas podendo tornar uma pessoa

em alguém menos confiável para produzir julgamentos, incapacitando de se posicionar.

Um bom caminho para saber se posicionar, em relação às atitudes muito simples do cotidiano até as questões que colocam em risco a ordem das coisas, é tentar ponderar considerando os seguintes aspectos.

A quem as mudanças ou inovações geram benefícios e por quê?

A quem as mudanças ou inovações geram malefícios e por quê?

De forma justa podemos considerar, a necessidade ou não da manutenção de ordem ou defesa das inovações.

A discussão em relação a manutenção da tradição cultural ou de sua transformação tendo uma grande lista de pesquisas e autores.

Em nossa sociedade atualmente há outros exemplos que ilustram ideia sobre as regras e valores? Por algum tempo faça esse exercício. Procure fazer uma lista dos valores relativos a cada um deles, mas relacione também aspectos de nossa vida social como a família, as amizades e o lazer. Em nossa sociedade atualmente há outros exemplos que ilustram ideia sobre as regras e valores? Por algum tempo faça esse exercício. Procure fazer uma lista dos valores relativos a cada um deles, mas relacione também aspectos de nossa vida social como a família, as amizades e o lazer.

Quando você terminar, é necessário que compreenda esse movimento de cultura em torno

das regras e dos valores, percebendo como os valores vão mudando com o passar dos anos.

O tempo sempre muda algumas coisas, mesmo que a sociedade pareça está sempre do mesmo jeito. Constante transformação sofrida na cultura, ela é algo dinâmico e vivo.

Quando há uma preparação é possível entender as mudanças de nossa época, sendo um grande desafio construir uma opinião em que pessoas se posicionam.

Mudanças sempre estão acontecendo no sistema cultural. Para evitar pensamentos racistas é importante entender o que está acontecendo, sendo fundamental também para o homem o entendimento das diferenças culturais necessitando-se saber o que acontece dentro de um mesmo sistema. Ao fazer isso a humanidade irá conseguir enfrentar serenamente todas as diferenças que existem no mundo e viver em harmonia.

Pessoas conservadoras tem tendencia a se tornarem menos flexíveis e mais preconceituosas. Não rejeitar sobre as mudança, por outro lado e abraçar todas as novas causas podendo tornar uma pessoa em alguém menos confiável para produzir julgamentos, incapacitando de se posicionar.

Um bom caminho para saber se posicionar, em relação às atitudes muito simples do cotidiano até as questões que colocam em risco a ordem das coisas, é tentar ponderar considerando os seguintes aspectos.

A quem as mudanças ou inovações geram

befícios e por quê?

A quem as mudanças ou inovações geram malefícios e por quê?

De forma justa podemos considerar, a necessidade ou não da manutenção de ordem ou defesa das inovações.

Observação

A discussão em relação a manutenção da tradição cultural ou de sua transformação tendo uma grande lista de pesquisas e autores.

Na antropologia, a discussão a respeito da manutenção da tradição cultural ou de sua transformação tem uma longa lista de autores e pesquisas.

Geralmente, a seriedade do impasse se deve aos acontecimentos da relação dentre distintos costumes, a que chamamos de “contato cultural” ou “contatos inter-étnicos”. Pesquisadores buscam entender o tipo de choque da relação com o distinto em um costume. Vide no próximo fragmento que o autor Mércio Pereira Gomes adiciona em ressalvas consideráveis:

Na ação de reprodução que se dá no momento, é possível inventar outros sentidos e, por isso, modificar. O costume apresenta vias e estabelecimentos de autopreservação e permanência que os admitam trabalhar com permanência – e, por seqüência, dar certeza as pessoas que a passam. São vias de permanência ao dialeto, aprendida aqui bem como a divisão das definições das expressões para a reprodução de informações; os estilos de ensino, formais e informais, que é possível nomear de “enculturação”, o que significa virar-se componente de um costume; os modos de socialização; as entidades de matrimônio e família. As cerimônias de apoio igualitário, e ainda mais. (GOMES, 2009).

Ademais, os costumes se retratam para utilizarmos um pensamento redundante por vias particulares dos costumes. A importante via de costumes de propagações são as reproduções, ou seja, a transferência de definições de costumes, não apenas de indivíduo para indivíduo, como também no ambiente de uma mesma prole e no dia a dia.

Isso se dá pela forma da língua e da conduta passada, disputadas e estudadas por novos componentes do conjunto. Ao reproduzir os sentidos que a individualizam, o costume ao mesmo momento se conserva.

Para poder ser admissível o convívio em um meio social, necessitamos de estimo corriqueiro e normas que institucionalizem o comportamento individual. Durante a existência, estudamos frequentemente as vias mais apropriadas de

comportamento em todo meio coletivo, pelas formas dos procedimentos de sociabilidade.

Os princípios e normas permanecem em incessante modificação, e são uma enorme menção para a conduta das pessoas em ligações à sua mente. Toda pessoa busca atuar de maneira com a que julga ser certa, e emana críticas ou usa modelos de outrem como exemplos de comportamento adequado igualitário.

É respeitável você ter ciência que o argumento que engloba preceitos, normas, estimas, é de grande seriedade em nosso âmbito social, e abrangem reações que possam ser bastante significativas psicologicamente. Desse modo, ao resguardar a compostos de estimas, a resguardar um costume ou apenas algo conceituado bastante respeitável, os indivíduos possam se permitir induzir por intensos sentimentos e se virarem aguerridos, como também odiosos, intransigentes ou, ainda, muito sensíveis e agitados.

Em várias áreas de ação competente isso se faz elemento de experimentos que são praticamente rotineiros. Advogados, psicólogos, veterinários, educadores físicos, publicitários, administradores, educadores, nutricionistas, médicos, fisioterapeutas, dentre outras áreas, cada profissional com seu âmbito social, e ao depositar ou aconselhar uma metodologia profissional, possam se encontrar em combates de predileções e estimo que são estabelecidos, ou as “verdades” locais.

A maneira em que os indivíduos estabelecem seu mundo coletivo, como dirigem seu comportamento com demais indivíduos, com si próprio ou com demais seres vivos é decorrência de um código de conduta fundada a respeito de conhecimentos, culturas, normas deixadas. Esse grupo que dirige o comportamento de indivíduos que possam apresentar um costume bastante individual, podem ser bastantes categóricos de uma forma de sociedade, ou também obter alcance mundial.

A ciência e seus processos não resguardam que é função de um competente estabelecer outro aspecto aos indivíduos. Porém quando a expectativa já estabelecida é danosa ao bem-estar, às adequadas afinidades igualitárias, e a natureza, se faz indispensável a empreita de um dialogo de instrução. Nem tudo aquilo que seja habitual é consequentemente benéfico para a sociedade. O contrário é igualmente apropriado. A ciência necessita da ampliação da informação. E na maioria das ocasiões os feitos dos costumes possam contribuir para um bom desempenho profissional e expandir a informação sobre um determinado assunto. Assim sendo, o que auxilia na conclusão é a moral do profissional. O respeito ao outrem não pode ser menosprezado mesmo quando se é indispensável algum tipo alteração em seu mundo de estimo.

12. CADA POVO UMA CULTURA, CADA CULTURA UMA SENTENÇA: A DIVERSIDADE CULTURAL

*Gabriela Alves Lôbo
Gabrielly Neres Fernandes
Izabella Yasmim Costa Butrago
Matheus Barros Portes
Matheus Gusmão Lins de Resende
Rayza Daniella Mendanha*

Buscar compreender outra cultura é uma atividade muito equivalente ao tentar entender o outro, ou seja, um indivíduo que tem pensamentos e/ou ideias diferentes das suas.

Oferece uma versatilidade pessoal para compreender que, aceitando o ponto de vista do outro, pode enriquecer a visão do universo. Com isso, adentra-se em contato com diferentes entendimentos ou formas de reagir ao contato com as diferenças, traz mais aquisição do que parece.

Desse modo no qual assimilamos e compreendemos as discrepâncias, de um indivíduo para outro.

Com o objetivo de conhecer o relativismo educativo, ou seja, essa eventualidade de se dispor no lugar do próximo, é a oportunidade de resultados criativos.

Introdução

Há uma propensão de senso comum para especificar diferentes culturas em graus

progressistas. Expressões como "o que as pessoas estão ponderando, que gente obsoleta!", "Esta é uma pessoa atualizada!" São comuns em nossas vidas diárias, mas quase não nos perguntamos o que ponderamos julgar.

A antropologia entrou desta disputa na segunda geração de cientistas, que, sabendo mais profundamente a diversidade educativa através da exploração de campo, enfatizou a inviabilidade de tais propósitos.

Principais conceitos

O etnocentrismo, o relativismo, a diversidade educativa, a disparidade, a sabedoria ampliou em relação à cultura primitiva, a da aculturação, socialização.

Ao formar uma sociedade, o ser humano desenvolve práticas e explicações conviviais para sua vida social que são extremamente diferentes. Isso é chamado de diversidade educativa. Nossa resposta às dissemelhanças de comportamento de um lugar para outro pode ser orientada de duas maneiras: seja pelo etnocentrismo ou pelo relativismo educativo. Neste artigo serão abalroados a abstenção de divergentes (evidentes pelo etnocentrismo) e anuência de divergentes (evidentes pelo relativismo).

A chamada precedente formação de antropólogos inclui os entusiastas do início do século XX, e praticou "apuração de campo", o que

implica a prolongação entre os filiados da sapiência observada.

Estamos sempre em comunicação e mundos educativos opostos dos nossos, com outros indivíduos, seja com os hábitos regionais. É por isso que é importante desempenhar nossa propensão de corresponder, dada a partir do qual o “o outro” vê o firmamento.

A antropologia nega a subsistência de culturas nos momentos de soerguimento ou primitivismo e enriqueceu o relativismo educativo para devanear sobre as alteridades entre as muitas aptidões humanas.

A desigualdade educacional

Vamos principiar a pensar sobre a desproporção pedagógica.

Observamos nos itens anteriores que a erudição é um fato originado pelo ser humano, mas que se submete do gerenciamento da sociedade, isto é, que é socialmente idealizado e não cedido biologicamente. Isso remete que, em todas as direções e em todas as circunstâncias histórias, existe uma imensa distinção de regras, atributos e formas de orienta uma vida coletiva.

Podemos sopesar algumas inferências dessa conjuntura. A primeira é que em todas as culturas, há veracidade. Prosperar elucidações e resultados, as vezes completamente únicas e contrárias na sociedade. Isso advém tanto em relação às técnicas de subsistência como à transformação da

estrutura que as rodeia, como nas monarquias da vida pública.

Já presenciamos outrora em outros artigos, mesmo em circunstâncias muito análogas umas das outras.

A outra dedução da desigualdade educacional é que, quando colocadas em contato, as desigualdades educacionais dispõem reações que vão desde a mero apreço ou humor até o ódio mais violento. Quando essa reação ao outro leva ao cidadão a julgar sua própria cultura como superior à outra, chamamos isso de etnocentrismo.

O etnocentrismo é uma visão do universo em que nosso próprio grupo é analisado o centro de tudo e todos os outros são avaliados e sentidos a partir de nossas convicções, nossos padrões e nossas elucidações do que é a comparência.

Conforme o plano intelectual demonstra complexidade em aceitar que a desigualdade de lógicas e sentidos possa haver. Com isso as condições afetuosas são captadas sentimentos de fobia, estranheza, antipatia, entre outros, no etnocentrismo.

Perpetrar o etnocentrismo significa como algum indivíduo que considera o seu grupo étnico ou cultural o centro de tudo, uma vez que, todas as outras culturas são comparadas inferiormente, não se igualando à superioridade do mesmo. Ou seja, para entendermos melhor o que significa etnocentrismo, observemos que “etno” vem da palavra etnia, isto é uma sociedade que compartilha

o mesmo suporte cultural – idioma, costumes, crença – e “centrismo” significa colocar no centro.

Preservadas as justas proporções, o etnocentrismo preza a própria identidade cultural. Portanto, todos nós seres humanos, de alguma forma, somos etnocêntricos, pelo fato de ser natural distinguirmos o nosso próprio modo de enfrentar o mundo ao de qualquer outro público.

Tornamos pessoas inflexíveis e difíceis de aceitar novas oportunidades de solucionar as coisas, pelo fato do etnocentrismo pode ser um transtorno quando torna - se uma forma metodizada e/ou algo constante para encararmos a diferença.

O etnocentrismo é algo tão sério e radical, pois, chega ao ponto que uma cultura, ou grupo etc. deseja eliminar a outra somente pelo fato de não suportar a mesma, pelos seus costumes e jeito de enfrentar o mundo, ou também tenta domar o outro, sufocando assim seus hábitos, princípios e normas até chegar ao ponto de sua originalidade não tenha subsistido.

No mundo de hoje, obtemos grandes exemplos de “guerras étnicas”, ou seja, tanto guerras de “expansionismo cultural” quanto guerras de fato. Podemos dizer que as guerras de “expansionismo cultural” acontecem quando uma cultura (etnia) se impõe sobre outras praticando assim influências no seu cotidiano e se ocupando do mercado, com isso utilizando todos os meios de comunicação, seja ele tecnológicos ou não participando assim dos costumes da sociedade influenciando-os a atuar de outra maneira, já as

guerras de fato - pode citar a Bósnia, ou a Chechênia.

Em fatos extremos, o etnocentrismo, é encarregado pelo acontecimento de grandes conflitos sociais. Com isso, a humanidade enxerga o mundo através de sua cultura obtendo como consequência a preferência em acreditar que o seu modo de pensar e agir, ou seja o seu estilo de vida é o mais correto e o mais natural.

As autodenominações de diversas etnias refletem no ponto de vista que, é bem comum a doutrina de que a própria comunidade é o centro da humanidade, ou até mesmo a sua única expressão. Um grupo de índios, conhecidos como os Cheyene, situados nas planícies norte – americanas, se autodenominavam “ os entes humanos”; outro grupo indígena, os Akuáwa, grupo Tupi do Sul do Pará, declaram-se “os homens”; os esquimós também se intitulam “os homens”; da mesma forma que os Navajo se denominavam “o povo”. (...). O etnocentrismo na verdade é um episódio do mundo.

Tais convicções englobam o princípio do racismo, da incomplacência, onde com frequência, são utilizadas para fundamentar a ferocidade realizada contra ao próximo (LARAIA, 2006).

No Brasil, sabemos o fenômeno dos “regionalismos”, ou seja, que são hábitos e/ ou práticas que mudam de uma região para outra, resultando assim em um país com abundância de culturas locais. Pois, a variedade cultural pode ser identificada não apenas de uma sociedade para outra, de um local para outro, e assim, incluso no

mesmo país, como é o caso do Brasil, um grande exemplo.

Na cultura brasileira mudam alguns pontos entre diversos meios sociais, como por exemplo, da urbanização para o campo, de território para outro. Que são explicados, como diferenças culturais entre indivíduos que moram em grandes cidades urbanas e aquelas que moram em pequenas cidades do interior.

É provável constatar a variedade cultural no qual um grupo social tem problemas em concordar com o jeito do “próximo” realizarem os deveres.

De maneira etnocêntrica, as sociedades propendem a constatar que a ausência de “excitação”, “escolha”, como na condição de que não existisse “o que realizar” em um local pouco concentrado populacionalmente. Onde, a população urbana tende de achar “demorado” as regiões em que ainda não encontra-se com shopping centers, com enormes alamedas, tecnologias avançadas que se tem em cidades grandes. Enquanto nas cidades interiores, a vida dos habitantes é totalmente diferente, são outros costumes, outros padrões, outras obrigações rotineiras.

A variedade cultural encontra-se em dois níveis, ou seja, de uma enorme cultura para outras e no íntimo de uma mesma etnia. Esses níveis são entendidos na vivência societária quando se sente que, não havendo interferência do Estado de origem, obtemos muitas coisas parecidas, fazendo

assim com que o país tenha a mesma nacionalidade, com um mesclado cultural.

A variedade cultural encontra-se tanto de um indivíduo para outro quanto de um estado para outro, como no interior de uma mesma etnia.

Encontra-se uma enorme variante possível de práticas culturais no interior de uma mesma nação, como por exemplo, o uso do idioma, a refeição, entre outros. Com isso, são essas práticas que transformam essa nação exclusiva e especial, que são denominadas de um local para outro ou de um gênero social para outro.

Na forma antropológica, quando estamos interagindo com um indivíduo com costumes contrários aos nossos, com outra etnia, estamos diante de "outro alguém". O mesmo, pode ser uma pessoa que não usa a mesma comunicação (linguagem), que não utiliza o mesmo estilo de vestimenta, mas ao mesmo tempo pode ser algum ser humano que compartilha com muitas práticas parecidas com nossos costumes, entretanto existem outros indivíduos que não demonstram muito essa interação.

Alteridade é uma relação de contraste com outrem. Essa habilidade nos torna mais flexíveis e criativos em soluções porque estamos expandindo nosso universo de visão de mundo, fora da própria "concha".

A diversidade (ou a alteridade) é a concepção que parte da suposição básica de que cada homem social interage e é interdependente com outros indivíduos. Assim, como muitos

antropólogos e sociólogos afirmam, a existência do "eu individual" permite-se somente o contato com outro (o que em uma visão ampliada se torna o Outro - a própria sociedade é distinta do indivíduo).

Desta forma, existo apenas por outro, a visão do outro, o que também me permite entender o mundo de um ponto de vista diferente, a partir dos diferentes e de mim, sensibilizando-me pela experiência de contato.

Quanto mais o nosso universo cultural está fechado, menor será a oportunidade de entender e criar diferentes formas para os problemas da riqueza humana.

Você pode ver em sua vida diária a dificuldade de se adaptar a novos ambientes sociais / culturais? Quando começamos a ir a um novo círculo social por causa do trabalho, da religião ou das amizades, independentemente da motivação que possamos, há uma dificuldade inicial em entender o outro.

Para entender a importância de aprofundar reflete-se um contato com outra pessoa, ou com a diferença, leia esta passagem, abaixo, na qual a autora Neusa M.M. de Gusmão, mostra que os tempos mudaram, e isso requer uma conduta diferente na parte da empresa.

Se no passado o outro fosse realmente diferente, distante e composto de uma realidade diferente do meu mundo, hoje a distância é próxima e a outra também é a mesma, uma imagem de mim invertida no espelho, capaz de confundir certezas, e mais outros povos, outras línguas, outras

constantes. O outro hoje é próximo e familiar, mas não necessariamente nosso. O desafio da alteridade é, portanto, agora convencido de que, no passado, a imposição pela força era suficiente para definir hierarquias e papéis, joga-se em razão dos princípios científicos, morais e religiosos (GUSMÃO, 1999).

Você considera o brasileiro etnocêntrico?

Pense sobre essa questão um pouco. Geralmente, o brasileiro não se considera patriota, entretanto tem uma ampla influência externa. O brasileiro sabe que ele aceita a presença de outros povos de uma maneira muito mais cordial do que a população de muitos outros lugares. Pensando assim, falta o etnocentrismo, está certo.

No entanto, o brasileiro considera-se uma população mais receptiva, informal e feliz do mundo. É uma forma de etnocentrismo. Rejeitamos a alegria dos outros colocando-nos como superiores nesta matéria.

Ou, novamente, podemos lembrar que, comparando-se com outros povos da América Latina, o brasileiro julga-se súpéro. Portanto, somos etnocêntricos sim. Deve-se lembrar que o etnocentrismo pode ocorrer no mesmo país, como o nosso, que traz diferentes regiões culturais.

O paulista, por suas próprias razões, se considera "excelente" ou "mais diligente" que o carioca e vice-versa; O "Nordeste" ou "Bahia" tornou-se um apelido depreciativo no Centro do Sul, usado prejudicial e ofensivo. Os baianos, por outro lado, acusam os paulistas de serem pessoas sem

suas próprias tradições ou identidades, e assim seria possível seguir com muitos exemplos. Tudo o que foi dito, é uma forma de etnocentrismo.

Veja o que o Roque de Barros Laraia coloca sobre o assunto: "Os comportamentos etnocêntricos resultam também nas apreciações negativas dos modelos culturais dos diferentes povos. Práticas de outros sistemas são catalogados como absurdos, deprimentes e imorais (LARAIA, 2006).

Existe oposição ao etnocentrismo? Sim, que se chama de relativismo educativo.

Quando somos capazes de aferir uma cultura estrangeira sem usar a nossa específica, a cultura como parâmetro de comparação, estamos relativizando. O relativismo cultural é parte de antropologia desde meados do século XX, quando muitos pensadores vieram expor que não era, é bom para um cientista julgar algumas culturas como "modernas" ou "tardios" em comparação com outras. Para argumentos sobre a falta de imparcialidade neste tipo de reflexão. O relativismo esclarecedor é uma efetuação que requer ao espectador que se ponha nos calçados de outro sujeito para julgar as confluências de uma praticabilidade para a outra, e não para si mesmo. Portanto, ele exige uma alteridade.

LEMBRETE: Se você quer compreender um pouco mais sobre o etnocentrismo e o relativismo educativo, existe no portal do "Youtuber" vídeos, um bom número de trabalhos desenvolvidos. Basta colocar suas missões, termos, e você pode ver

como esta é uma questão que envolve dificuldades para um relacionamento humano bom e ético.

Quando julgamos a totalidade de uma cultura "evoluída", sugerimos que ela seja avançada ou melhorada em comparação com outros que deveriam seguir esse mesmo curso de mudança.

A questão que a antropologia faz é: Há somente uma maneira de progresso cultural? Todas as culturas necessitam obrigatoriamente progredir na mesma orientação? Devemos levantar certos questionamentos caso sua resposta seja afirmativa.

O que podemos levar em conta como progresso?

Em determinado período e local cada população tem sua história específica relativa às experiências que cada um presenciou. O relativismo cultural desfaz o significado de uma história e uma cultura singular e igual a todos os povos (PASSADOR, 2003).

Podemos dizer que progresso são avanços tecnológicos? A tecnologia é um item capaz de assegurar que uma cultura seja inferior à outra?

As pessoas, hoje em dia, estudam aproximadamente 15 anos para ter uma qualidade de vida média e trabalhar no mínimo oito horas por dia. Os rendimentos para a família serão menores à medida que os investimentos no tempo para os estudos forem menores. Nossa competência profissional merece muito investimento caso não desejarmos ter a uma vida materialmente complicada e com recursos limitados.

Em uma tribo essa ocasião é totalmente distinta, em que as inovações tecnológicas, se retratam aos dispositivos de sobrevivência, como machados, arados e rústicas máquinas de tear. Um indígena, no Brasil, trabalha três horas por dia e não frequenta escolas. Ele não se atenta com sua forma de vida porque em uma tribo todo mundo apresenta o mesmo padrão de vida. Através de uma convivência com membros mais calejados consegue-se sua qualificação para o trabalho. As estratégias da cultura são inseridas nas crianças para sobrevivência. Não se nota problemas sociais por não ter uma disparidade material/econômica entre os indivíduos.

Por não fabricar muito produto, até sobrar, intitulamos a economia indígena de “economia de subsistência”. Isso pode ser considerada por muitos como uma ideia de “miséria”. Veja as informações abaixo:

Os índios não sofriam de fome mesmo não se doando muito ao trabalho. As escritas e artes da época são unânimes em retratar o belo visual dos adultos, a vitalidade das numerosas crianças, a quantidade e diversidade dos insumos alimentares. Mesmo com esse tipo de economia das tribos não implicava na busca desesperada por comida. As atividades de produção são deixadas em segundo plano na subsistência (CLASTRES, 1990).

Não tem qualquer manifestação de doenças ou penúria entre as pessoas desse tipo de economia. Pierre Clastres afirma que esse conjunto de populações são capazes de desenvolver qualquer forma de tecnologia, bastando apenas uma instrução, e não buscam fabricar mais do que precisam. Para eles, o ócio é indispensável, e não o acúmulo de riquezas (CLASTRES, 1990).

Por viver muito tempo com os índios venezuelanos, Yanomami, Jacques Lizot notou que os adultos trabalham menos de 3 horas diárias.

Sociedades igualitárias são aquelas que não têm discrepância social e econômica entre as pessoas; e sociedades desigualitárias são aquelas que criam essa dissemelhança. A nossa sociedade apresenta muitas desigualdades. Para adentrar esse tema é necessária a leitura de: GOMES, M. P. Antropologia. (Principalmente a parte “Antropologia Econômica”).

Não foi calculado o tempo de trabalho dos Guayaki. Os componentes dessa tribo passavam grande período em inércia, já que a caça por comida não acontecia todos os dias e sim mais ou menos, pela manhã. É capaz que pesquisas desse tipo tenham conclusões comuns, mesmo sendo de culturas e locais diferentes (CLASTRES, 1990).

Nessa óptica, pode-se falar que a tecnologia é o ponto mais significativo de uma sociedade evoluída? É apenas progresso tecnológico que se faz uma evolução?

A antropologia justifica que isso não é viável, e que cada ângulo de uma cultura tem seu

propósito, em relação as outras, mas cada uma com suas ideias. Portanto, existem tecnologias e tecnologias. Quando a definição de tecnologia vem relacionada à coisas ruins em relação ao ambiente, social, manipulação de ideias e acúmulo de poder e riqueza, podemos dizer que ocorre um progresso? As ciências sociais negam.

Não podemos analisar sem ter uma pesquisa prévia, ou seja, antes é preciso entender e considerar as consequências e o contexto de cada cultura, como sua tecnologia, seu discernimento, suas leis ou suas crenças. Não podemos dar um conceito e tentar encaixá-lo em todas as sociedades, pois não são iguais.

Verificar cada fator de uma cultura com um olhar direcionado e crítico, isso é valorizar. A antropologia nega a condição de que uma cultura é mais avançada ou melhor que outra. Fariamos essa classificação, encaixando e classificando cada cultura caso acreditássemos que um indígena é obrigado a virar no futuro um trabalhador, em um empresário ou em um médico. As diversas culturas não necessitam de compartilhar de um mesmo modelo de se inter-relacionar, cada uma cria a sua história e suas respectivas ideias de mundo. Cada um dá um passo de cada vez e no seu tempo.

Relativizar é aceitar desafios, sem querer fazer de modo simplório, essa proposta, de forma incoerente. Mesmo não se adequando à maneira de trabalhar dos japoneses, os brasileiros podem utilizar seus métodos, adequando-os às suas especificidades, trazendo-os ao seu universo.

A seguir, determinadas colocações de autores como Everardo Rocha, para que você se oriente sobre a questão do empecilho criado por pessoas que olham sua cultura como superior em relação as outras, nos dias atuais. (O que é etnocentrismo, São Paulo: Brasiliense) e Mércio P. Gomes (Antropologia, São Paulo: Contexto)

Há tanto debate sobre a importância da relatividade cultural na antropologia de hoje. O uso de uma mensagem exagerada afeta o debate sobre a ética intercultural. Porque não existe um princípio moral universal, como os direitos humanos, é julgado como errado. Mas foi salvo, o relativismo cultural desempenha um importante papel científico e biológico na avaliação dos "outros".

A posição central do etnocentrismo, no final, existem tantos e profundos mecanismos, formas, métodos e razões, distorção está na emoção, no pensamento, na imagem e expressão. Como vemos a vida de pessoas diferentes de nós?

Fale sobre o poder dos outros:

Quando construímos um discurso para os outros, nos posicionamos com uma posição central e esquecemos isso em nosso discurso, algumas coisas podem ser distorcidas. Discutir sobre o diferente pode desencadear raiva, medo.

-A diferença está ameaçada porque viola nossa própria identidade cultural.

-No etnocentrismo, atitudes semelhantes mostram diferentes grupos. O etnocentrismo não é a propriedade de uma empresa.

-O etnocentrismo determina o valor de "outras" culturas, denominando "minha" cultura de grupo.

-Aqueles que são diferentes do self-group - o "outro" do mundo - porque eles não podem dizer algo sobre si mesmo, é baseado no etnocentrismo e na dinâmica de alguns momentos.

-A "grande massa" – TV, jornais, revistas, publicidade, certo tipo de cinema, rádio – está diretamente disponibilizando exemplos de etnocentrismo.

-No campo das indústrias culturais, um grande número de "outros" foi sistematicamente criado.

Em vez disso, isso é usado para confirmar os muitos valores de um grupo dominante avance automaticamente o modelo de humanização.

Mas, como relativizar então?

-A relatividade refere-se ao mundo como um relacionamento que pode nascer ter fim ou transição.

-A interconexão não implica uma hierarquia; diferenças entre superiores e subordinados ou níveis bom e mal, mas para ver a dimensão da riqueza, é a diferença.

-A relativização olha o mundo de um ângulo diferente.

-Quando vemos que a verdade da vida não é mais a essência das coisas, etc. Uma questão de posição: somos relativos a nós mesmos.

-Se entendemos o "outro" em vosso próprio valor, não o nosso: isto é relativizar.

-O significado do comportamento não é visto em sua dimensão absoluta, mas em seu ambiente corrente: somos relativos a nós mesmos.

O etnocentrismo e o relativismo cultural são formas opostas de comportamento e relacionamento com "outros". Pode haver uma alteração ao utilizá-los. Nós não deveríamos concentrar na raça, odeio os outros, não devemos relativizar o princípio da universalidade protege a integridade de todos.

O nível dos valores orientais é muito importante e muitas vezes não o entendemos, obediência obediência a ela. Se é realmente um fenômeno, chamamos isso de "enviar". Mais complexo que isso. Se não entendemos o significado da hierarquia dos orientais com sua profundidade, podemos avaliar a liderança e fazer com que sua equipe seja bem-sucedida. Ou subordinados que realizam tarefas bem, respeitar pessoas excepcionais ou reduzir ainda mais na escala de compartilhamento de tarefas é parte integrante da hierarquia.

Além disso, a desigualdade educacional está exposta, além de você desenvolver os exercícios de alteridade. Percebemos que o dinheiro no mundo a partir de nossa educação, e isso é crucial para nossos clientes. Nenhum de nós tem pleno conhecimento de nossa própria cultura, e nenhuma cultura é singularmente perfeita. A riqueza da desigualdade educacional vem de diferentes pontos do futuro.

LEMBRETE: É necessário considerar que, em toda sociedade, todos os indivíduos são influenciados pela visão de mundo de sua cultura para fazer julgamentos. A disparidade educacional é tão importante para a humanidade como a biodiversidade. Sem equilíbrio e convivência entre diferentes culturas, certamente teríamos uma humanidade mais pobre, na qual o intercâmbio de experiências se limitaria a repetir sempre as mesmas soluções. Respeito e saber apreciar a diversidade são desafios para o futuro mundo.

Então, você tem uma comodidade de ler um documento consumado pela 31ª Conferência Geral da Unesco desempenhada em novembro de 2001 em Paris. Trata-se da "Declaração Universal sobre uma Desigualdade Educacional". O "registro jurídico que discerniu pela primeira vez uma dissemelhança educacional como um "patrimônio comum da humanidade" e o considerando um prepotente concreto inerente da apreensão pela solenidade humana".

Identidade, diversidade e pluralismo

Artigo 1 – A desigualdade educacional, patrimônio comum da humanidade.

Diversidade educacional, pecúlio comum da humanidade. A cultura aufere várias formas através do tempo e do recinto. A discrepância se profere na alteridade e pluralidade de identidades que salientam os grupos de sociedades que integram a humanidade. Fonte de intercâmbios, inovação e

criatividade, disparidade educacional também é inexorável para a espécie humana que a disparidade biológica é para natureza. Nesse sentido, funda os pecúlios habitual da humanidade e deve ser corroborado e consolidado em benfeitoria do presente, e do futuro (UNESCO,2002)

Ao longo da última década, a disparidade educacional tornou-se um tema ponderoso em muitos setores da sociedade. O tema "disparidade" pode ser detectado em artigos que aspiram prosperar novas atitudes em muitas áreas do desempenho profissional. Por exemplo, as áreas de gestão e administração de empresas, educação, publicidade, jornalismo, marketing, arquitetura, design, entre outros.

Você pode afundar na Internet blogs, revistas, páginas de negócios, artigos científicos nos quais as expressões "disparidade educacional" estão envoltos. Você pode atentar que este é um item ponderoso hoje.

Você também pode observar a um pequeno audiovisual ocioso no Youtube, designada "desigualdade educacional", e é uma apuração muito boa de imagens de distinção. Você perceberá que, no final da aparição, todos estaremos muito exultantes com a imensa aptidão humana para a distinção. Mas o que todos inferimos como sucedendo em nossas vidas diárias é um rápido recurso de homogeneização educacional, ou seja, toda a humanidade está engrandecendo o mesmo paradigma, cada vez mais.

É muito vultoso como profissional, e singularmente como cidadão do mundo, que esteja cômscio de que a distinção educacional é tão ponderosa para a humanidade quanto a biodiversidade é vultoso para a sustentabilidade do planeta.

A concepção envolvida na questão do etnocentrismo e do relativismo educacional hoje é a inserção. A disparidade deve ser enredo como um direito de demonstração, como um pecúlio humano, e não como princípio de austeridade entre povos e pessoas.

Existe uma famosa frase de um sociólogo português, nosso contemporâneo, que tem sido muito alastrado e que nos dá o significado desse debate.

"As pessoas têm o direito de ser iguais sempre que a alteridade os torna inferiores, mas também têm o direito de ser distintos sempre que a igualdade demanda sua identidade" (SANTOS, 1997, pág. 122).

Esta frase resume toda a primordialidade de argumentação sobre a desigualdade educacional, isto é, devemos ser tratados igualmente para não ser inferior, mas também temos direito à diferença para não arriscar nossa identidade. É intrigante debater esta frase com amigos, familiares, colegas e trocar ideias sobre isso.

13. CULTURA E VISÃO DE MUNDO⁵

*Arthur Pedro Kurimori Vieira Guimarães
Fernanda Carvalho Corrêa
Gabrieli Maria Freire Dale Vedove
Giulia Aparecida Da Paz Barboza
Laura Adeodato Aguiar Câmara*

A diversidade cultural não se manifesta apenas nos nossos hábitos do dia a dia. A endoculturação, conforme os conceitos aprendidos, nos dá a capacidade de atribuir um significado a nossa história e a pontos positivos da nossa vida, de acordo com a nossa própria colocação sobre o mundo.

Endoculturação diz respeito ao processo de aprendizagem e de absorção do conhecimento, pelo qual o indivíduo aprende modos de vida e a cultura de sua sociedade. Além dos comportarmos diante das pessoas em nossa volta que é dada pela socialização.

Dessa forma, quando alguns valores são adotados sem perceber por cada pessoa e são vinculados, como se fizesse parte da nossa própria personalidade e existência. Estamos nos tornando integrantes, nessa sociedade, quando passamos por esses processos de endoculturação, sendo nomeados como parecidos, por partilharmos semelhante visão sobre mundo em alguns aspectos.

⁵ *Noemi Guimarães Vasconcelos* fez a revisão linguística deste capítulo.

Visto que, não temos noção de certas ações, que não são do nosso controle por serem "inofensivas", por isso aparentam ser nativas em nossa visão, vinculados aos nossos próprios atos.

Ruth Benedict, antropóloga, é dona de uma tese muito esclarecedora sobre esse assunto. Segundo Ruth, sobre a cultura, ela é as lentes através das quais enxergamos o mundo. Assim, podemos compreender em sua fala que entre o mundo que está ao nosso redor e nossas mentes, existem lentes que filtram e nos proporcionam conceituar e dar sentido às coisas que nossas mentes aprendem. A interpretação de cada indivíduo ao que vê ao seu redor é diferente.

O ser humano não vê, descobre ou define o mundo de uma forma completamente precisa. A Filosofia e a Ciência são formas de aprendizado que funcionam como auxílio para alcançar uma maior precisão. O modo de pensar da maioria das pessoas e suas crenças são algumas formas de conhecimento que se utilizam de conceitos particulares, sendo que não podem abandoná-los.

O senso comum não dispensa o conhecimento concebido sem qualquer forma de pesquisa. A Religião não abre mão da fé e de seus dogmas que confirmam a veracidade das coisas do mundo.

Consenso e interpretação do mundo: Tudo é interpretado através do que aprendemos e adquirimos em nossa cultura. Certificamos isso quando dialogamos sobre o mundo utilizando o senso comum.

Crença e percepção do mundo: Declaramos o que aprendemos ao sermos verídicos com a nossa fé e quando dialogamos sobre o mundo desde que nos apoiemos na Religião.

Ciência, Filosofia e universo: Assuntos fundamentados na doutrina e filosofia é necessário que acolhamos como verdade, mesmo sendo divergente das nossas ideologias e moral.

O mundo é visto de uma maneira por cada cultura existente. O costume tradicional no México é intensamente inspirado por católicos e se integra com os conceitos astecas. O dia dos finados para essa cultura é um dia feliz e de festa, com música, dança e comida, ao contrário do catolicismo, que prega o “dia dos mortos” como um dia triste e de respeito. A cultura mexicana afirma que os mortos ganham vida e vão fazer uma visita às casas dos parentes. Assim, felicidade e fartura são as boas vindas do povo.

Os Havaianos não interpretavam as erupções vulcânicas como um acontecimento natural, pois antes do povoamento inglês, entendia-se que era uma forma dos Deuses se comunicarem com o clã.

Cada cultura tem o seu atributo. Isso não quer dizer que estejam equivocados, pois depende do ponto de vista que cada um induz sobre o mundo, conforme seus princípios e seu ambiente social inserido.

Seria possível modificar essas percepções de mundo? Sim, a cultura está em constante variação. Ao nos depararmos com outras pessoas,

é provável alterações, tal como resgates de padrões culturais clássicos ou ultrapassados.

Algumas pessoas que estudam os aspectos dos seres humanos nas sociedades, consideram um acultramento, no momento em que há um relacionamento com outras culturas e permite-se uma alteração, mesmo que seja pequena dos seus próprios padrões. Por exemplo, os princípios havaianos foram modificados ao entrarem em contato com os ingleses e norte-americanos. Os indígenas brasileiros não andam mais sem roupa e falam a língua portuguesa, devido à imposição da colonização. Contudo, existem pessoas que discordam desse pensamento.

Aculturação é o processo de modificação cultural de cada indivíduo retirando particularidades significativas, rejeitando ou até abandonando seus costumes. Porém, não há cultura absolutamente original, única ou que não dispõe de atributos de outras, como diversos antropólogos acreditam. Declaramos que os hábitos são ativos. É inexistente a criação de costumes eremíticos, excluindo o afastamento integral do conjunto de sabedorias do mundo.

Além dos termos "intercâmbio cultural", "financiamento cultural", "transformação cultural", "adaptação", "anabolismo", "assimilação", outros termos relacionados são usados para descrever a cultura na raça humana americana. Características das principais culturas utilizadas pelos estudiosos. Depois de falar sobre colonialismo e controle, essas

categorias entraram em colapso e foram usadas até a década de 1960.

Apesar dessa discussão, é possível aplicar o conceito de transformação cultural a muitos fenômenos que explicam corretamente. Os residentes nas zonas rurais e as pequenas comunidades rurais recebem os valores da sociedade tradicional na televisão, têm um ponto de vista equivalente aos residentes das grandes cidades e mudam a forma como pensam.

É uma forma de transformação? Sim, esses valores não mudam com suas próprias tendências e funções de necessidades reais, mas sim de um convívio imposto por ferramentas (TV) sobre uma sociedade específica, que não selecionaram assuntos, geraram programas ou tem competência de gerenciar a empresa de telecomunicações.

O fenômeno de relações entre diferentes culturas é um fato que chega a muitos especialistas hoje. Podemos reunir exemplos de transformação cultural e assimilação no campo da conquista profissional.

Os indivíduos interagem e comunicam-se socialmente com base em valores e costumes. Por exemplo, quando as pessoas de diferentes culturas interagem, não há dúvida de que estão se relacionando.

Segundo Mercio P. Gomes, o relacionamento entre culturas é um significativo tema. Com consentimento poético, é possível dizer que os costumes estão interligados, como por exemplo, hábitos brasileiros estão relacionados aos

estadunidenses ou aos indígenas. Ao negociar bens materiais acontece uma fusão de culturas, por acaso ou conseqüentemente.

É possível penetrar pelos questionamentos da relação entre diversos valores e o intermédio de percepção da realidade de indivíduos, na medida em que aprofundar os conhecimentos através do livro *Cultura: um conceito antropológico*, na parte “A cultura condiciona a visão de mundo do Homem”, mencionada na literatura.

Devido à diversidade de valores, há diferentes percepções. Não existe certo ou errado e melhor ou pior, mas sim diversas explicações, a visão de vida é correlacionada à cultura de cada um. Ao entrar em contato com outra cultura, podemos sentenciá-la como ruim, abaixo da nossa cultura e não conseguir agir com empatia, que é conhecido como etnocentrismo. Quando agimos com empatia, procedemos com relação de alteridade. Ao atuar dessa maneira associada com relativismo cultural, nos tornamos maleáveis, abertos ao convívio e a troca de ideias e acrescentamos novos valores a nossa cultura.

14. DIFERENTES CULTURAS, CARACTERÍSTICAS HUMANAS UNIVERSAIS

Igor Matheus de Oliveira Nogueira

Laís da Silva Lacerda

Madlla Pereira Celestino

Marcelo Veras Juns

Maysa de Oliveira Machado

Micaelly dos Santos Amaral

Nyara Morimã Fontenele

Objetivo

Distinguir no comportamento humano o que é universal e o que é especial

Introdução

Você pode aprender o quão importante é ver essa diversidade e ser capaz de lidar com isso em circunstâncias de proximidade com a diferença. A diversidade cultural é gerada pelo homem.

Nos termos "propriedades universais" é elaborado neste artigo. No entanto, o homem não é apenas diverso. Características que nos imitam e nos tornam iguais e não diferentes são compartilhadas por uma espécie que somos nós.

As características que encontradas apenas em certos contextos, seja de lugares e épocas diferentes, são características particulares. Aquelas que não são modificadas dependendo do contexto ou condições de passagem são as características universais.

Mas é essencial prestar atenção ao que é universal em nossa espécie: as culturas humanas são, sem dúvida, cheias de peculiaridades.

Principais conceitos

Pesquisa de campo, simbolização, diversidade cultural, estruturalismo.

Diversidade cultural, relações humanas

Esses dilemas apresentam dúvidas confusas para a antropologia, já que todos eles pretendem chegar a uma cultura essencial e perfeita que explica que os são inferiores ou errôneos povos que não a seguiram. A humanidade sempre viveu juntos, ficou surpresa e reagiu à variedade cultural. Possuímos registros de pessoas muito velhas curiosas para resolver dilemas, tais como: "uma linguagem universal existia um dia?", "Existe uma primeira cultura, que iniciou todos os outros?", "Por que os outros povos não confiam em , Deus? "Etc. Na realidade, esses dilemas revelam, em alguns casos, o etnocentrismo, em outros o medo ou a revolta, e fazem parte da eterna preocupação humana para responder a tudo.

Quando em uma tribo ou em uma grande capital como São Paulo ou Nova York habitamos, somos a mesma pessoa e o que muda na forma externa da cultura que nos circunda , para as ciências sociais, o homem é ou nunca pode ser um animal cultural vivendo na sociedade sem criar

símbolos, interpretando o mundo ao seu redor a seu modo e produzindo sua própria cultura.

Portanto, somos seres que têm a capacidade de concordar com coisas que vão além da matéria, independentemente da forma desenvolvida. Estamos mudando nossa lógica anterior de destacar a diversidade cultural e analisar os recursos e capacidades das pessoas que criam essa diversidade. Em algumas culturas, as pessoas adoram alguém ou algo que eles chamam de "Deus" ou "Deus", em outros não há apenas um Deus, mas vários deuses. Bem, independentemente do nome e da forma como reorganizamos essa crença, o que faz com que uma pessoa conserte um nome ou um ritual, a nossa capacidade de ser completamente alinhada com todas as culturas tem convicções.

Não importa como cada cultura o faça, temos a mesma capacidade de separar as tarefas socialmente. Outro exemplo é que, em algumas culturas, o trabalho agrícola é uma ocupação feminina e, em outros, uma ocupação masculina.

Independentemente de como é feito, existe a nossa capacidade de avaliar as mudanças. Continuando com os nossos exemplos, podemos certificar que, nas tribos, não existe uma noção de mercado, que é uma forma de organizar trocas materiais, com um objetivo lucrativo para aqueles que oferecem a mercadoria ou o serviço. O que eles possuem são os intercâmbios baseados em "escambo", em que a moeda não existe, e ambas

as partes oferecem algo que eles consideram de comum acordo, ou seja, equivalente.

Embora você ache que isso não é mais o caso, o escambo ainda é uma rota comercial em diversos lugares do mundo moeda é uma coisa incomum e carente de relações sociais.

Ele nos joga em uma forma de isolamento das realidades estrangeiras ao nosso e nos faz determinar como pessoas "atrasadas" que ainda não aderiram plenamente à nossa maneira de vida social. mídia, mas eles não conhecem as verdades da sociedades que não fazem parte do que chamamos de "modernidade".. De fato, o que nos faz sentir que o mundo inteiro vive da mesma maneira que vivemos é o etnocentrismo.

Não é raro encontrarmos termos como "povos esquecidos" ou "povos primitivos" se referirem às sociedades que ainda vivem da maneira tradicional, sem os valores e os recursos da modernidade.

Saiba mais: Como muitas gravações não requerem tradução, você deve inserir termos como "cultura tradicional" no campo de pesquisa. Para entrar em contato com eventos culturais tradicionais, veja no portal de vídeos "YouTube" para termos como "cultura tradicional". No entanto, há um material muito rico para pesquisa na língua inglesa.

Estas são canções tradicionais que são cantadas em diferentes clipes, por exemplo, uma série de cenas de um grupo étnico africano, o "Masai", que o coloca em contato com um ambiente

natural completamente diferente, roupas, expressão vocal, mas grande riqueza.

Para chamar a sua atenção para a diversidade cultural e as culturas tradicionais no Brasil, a vida dos povos indígenas, existe uma excelente conexão, um projeto chamado Vídeo nas Aldeias.

Em cada um deles, encontramos uma espécie de decisão que causa problemas e nós aprendemos que nem sempre isso significa que tudo está resolvido: embora vivamos de maneira diferente de um lugar para outro, nós temos as mesmas necessidades. Organizamo-nos coletivamente, criamos instituições que podem resolver problemas, dividir tarefas socialmente, criar grupos de apoio e exercer nossas habilidades sociais, defender nossa cultura, educar as novas gerações de acordo com nossos valores, ritualizar nossas crenças e ouvir as nossas cabeças. Não existe uma sociedade perfeita.

Lembrete: Existem certos elementos das culturas humanas, mas também temos muitas semelhanças, os elementos universais da humanidade.

Nós sempre temos a mesma quantidade e cor de seixos, mas cada vez que giramos o caleidoscópio, vemos um conjunto totalmente próprio de cores e formas em segundo plano, como se tudo tivesse sido alterado, mas não era. Metrópoles, o que está sendo mudado, é a quantidade de terra de asfalto e o número de profissionais prováveis para resolver um único problema, mas os ensinamentos de organização são os mesmos. Lévi

Strauss, um excelente antropólogo francês, comparou a variedade cultural com um caleidoscópio.

Nós compartilhamos uma estrutura mental universal, mas nos expressamos de maneiras diferentes, assim como o ser humano. Temos as mesmas necessidades e capacidades, mas produzimos arranjos sociais muito originais e diferentes. Esta perspectiva elucidativa gerada por Levi Strauss é afamada como estruturalismo.

Para Levi Strauss, essa estrutura mental, comum a toda a humanidade, explica o fato de que é possível descobrir elementos e características de uma cultura similar ou mesmo idêntica aos demais; Isso nos protege da influência dominante como uma forma de "imitação" entre eles.

Essas categorias são "escondidas" e imperceptíveis, mas podem ser percebidas através de pesquisas comparativas entre culturas que mostram uma espécie de "lógica" única, um instrumento humano para estar no mundo. Explique que a diversidade cultural é apenas uma aparência, outra forma de expressão, uma estrutura mental universal para nossas espécies. Rituais, hábitos e línguas são apenas outra maneira de expressar as categorias mentais dos seres humanos.

15. A PESQUISA DE CAMPO PRODUZ O CONHECIMENTO ANTROPOLÓGICO

*Marcelle Letícia Monteiro Borges
Isabela de Oliveira Passos
Camila Borges Gomes
Luiza Katerine Lucena Carvalho
Karen Letícia Barros de Souza
Larissa Araújo Santos*

São resultado de uma organizada lógica de pesquisa todo conhecimento antropológico e as novas formas de definir a diversidade cultural, que excedem grandemente o senso comum e a forma como nos relacionamos com culturas distintas.

Os pesquisadores desenvolveram o que é chamado de "pesquisa de campo" ou "pesquisa de observação participante" para descrever, entender e conceituar todo universo cultural humano. Fundamentalmente, os pesquisadores vivem um longo tempo junto com a cultura que querem conhecer e deixam a condição de "observador alheio". Um antropólogo faz uma profunda imersão na visão de mundo no dia a dia do "outro". Foi quem criou o mecanismo para esse tipo de pesquisa. Isso permite uma profunda mudança na forma como o pesquisador interpreta o mundo. Ele não vê o mundo com o objetivo anterior, pois agora está olhando com os olhos do outro. E se põe no lugar do outro

A observação dos participantes é uma das técnicas amplamente utilizadas pelos pesquisadores que adotaram a abordagem

qualitativa e incluíram os pesquisadores dentro do grupo observado e se tornaram parte dela, relacionando com os sujeitos por um longo período de tempo, compartilhando a vida cotidiana e o que significa estar nessa situação.

De acordo com a enciclopédia Wikipédia, Bronislaw kasper Malinowski (Cracóvia, New Haven, 16 de Maio de 1942). Foi um antropólogo e um dos fundadores da antropologia social. Criou uma escola funcionalista. A colaboração de Malinowski foi desenvolver uma nova fórmula de investigação de campo, que refere-se ao seu grande conhecimento adquirido na Austrália, com a sociedade Mailu (1915) e logo depois com os descendentes das Ilhas Trobriand (1915-1916, 1917-1918)

O pesquisador registra tudo o que ele gravou sobre uma cultura através de notas, fotos, filmes, entrevistas, memórias que geralmente se concentram no que chamamos de "livro de campo". É depois de um período de permanência em um mundo completamente estrangeiro.

Não mais "contaminado" pela perspectiva dos outros, mas capaz de refletir de maneira mais neutra, aquele pesquisador oferece ao leitor uma nova oportunidade para explorar essa cultura com base nas teorias científicas de experimentação e objetividade.

Nós vamos além das estatísticas e aprofundamos a motivação dos outros. Passamos para outra visão geral da diversidade cultural. Este tipo de pesquisa destacou as deficiências da

antropologia do etnocentrismo e formou a cultura do relativismo. A proposição da teoria relativismo é unicamente um novo ato de relação cultural com a divergência.

No relativismo da ciência antropológica no século XX tornou-se mais importante, muito debatido e criticado. Isso aconteceu por que:

Em 1947, uma equipe de antropólogos, liderado por Herskovits, e convocado pela ONU para relatar o preparatório sobre a Carta dos Direitos Humanos.

(...) Os autores discutem entre a asserção dos direitos gerais e o horizonte do valor relativista (ORTIZ, 2010).

A suposição do documento elaborado deu uma margem para tirar uma conclusão que, conforme a antropologia é impossível estabelecer um conceito jurídico com validade universal, porque tudo era relativo e privado.

Isso simplesmente negaria a declaração universal dos direitos humanos e coloca o antropólogo fundamentalmente em favor do relativismo em uma complexa fronteira moral. O nazismo ou o abuso infantil e a exploração sexual das mulheres não podem ser julgados sob o pretexto do respeito pela diversidade.

Não é todo antropólogo que afirma o relativismo que é interpretado dessa maneira. "Há mérito no relativismo cultural, ele introduz no pensamento a susceptibilidade à diversidade, o que não é suficiente".

Ao comentar os méritos do relativismo cultural, Ortiz enfatiza que é necessário "reconhecer que o privado é sempre enfatizado pela situação em que está inserida", e que no contexto atual "não são universais os direitos humanos, porém pertence o alcance da modernização-mundo um destino comum". Em outras palavras, mesmo que alguns países não reconheçam os direitos humanos, no caso de serem considerados infratores dos direitos humanos, as pressões globais para interagir e interferir estão aumentando.

Para Renato Ortiz, a palavra "mundo moderno" é equivalente ao que todos conhecem pela "globalização". Mas, em sua teoria, argumenta-se que a globalização é um termo inapropriado para se referir ao fenômeno da inter-relação entre todos os países que hoje preferem a ideia de mundialização.

Este é o relato de uma iraniana, Sakineh Ashtiani. Observe o artigo apresentado a seguir. Na quarta-feira no Irã Sakineh Ashtiani será executada, relata ONG.

Em uma campanha que sensibilizou diversas entidades humanitárias e governos, o caso de Sakineh, de 43 anos, chamou a atenção do mundo inteiro. Pela justiça iraniana, Sakineh foi considerada culpada de adultério, sendo condenada à morte por apedrejamento, contudo a pena terminou sendo retida no início do mês de setembro.

Autoridades locais anunciaram a punição de enforcamento pela participação na morte do cônjuge, no final do mês passado. A Chancelaria do Irã retificou essa medida imediatamente, afirmando que as formalidades legais do caso ainda não estavam concluídas.

O presidente Luiz Inácio Lula da Silva estava entre os que tentaram intervir, solicitando a liberdade de Sakineh e ofertou-lhe um abrigo. Em revide, o governo de Mahmoud Ahmadinejad declarou que o presidente brasileiro estava “desinformado” sobre o assunto.

No dia 5, Sajjad declarou ter solicitado a interferência do papa Bento 16 em prol de sua mãe e pediu asilo político à Itália. No ensejo, Sajjad declarou que ele e a irmã, Sahideh, preocuparam-se em ser presos em seu país, e que Kian também corria esse perigo.

Autonomamente dessa demanda ao redor das aplicações do relativismo cultural, a averiguação avançada pelos antropólogos tem consequência em um entendimento cada vez mais intenso de todas as etnias do mundo. Na atualidade, entendemos melhor como ser capaz de impulsionar uma relação de igualdade entre as distintas nações.

Compreendemos que, atualmente, a averiguação antropológica é colocada também como recurso de análise de nichos de mercado, para projeção de novos produtos ou modificação de figura institucional. Entendendo o jeito como o outro

enxerga o mundo, é possível lhe mostrar soluções muito mais bem aprovadas e apropriadas aos seus padrões e valores. .

A indagação sobre o que é universal e o que é pessoal no ser humano acarreta interesse desde os primeiros pensadores das civilizações humanas. Não obstante de concordar que o caráter da enorme diferença cultural humana, a antropologia engrandece a existência de aspectos que nos fazem iguais.

Adiante, você poderá ver algumas frases em artigos científicos de diversas áreas da inteligência humana na quais a indagação em lidar com as diferentes culturas está presente:

A diversidade nada mais é que, o respeito individual do reconhecimento e dos empregados; para ter sucesso e crescimento no negocio é necessário aptidão no desenvolvimento para administrar a diversidade.

Quando reconhecemos que a sociedade brasileira tem varias culturas devemos compreender a diversidade cultural e étnica dos grupos divergentes que a compõem. Toda via, devemos mostrar que existe a desigualdade em relação a bens econômicos e culturais pelos grupos sociais, em que há determinantes de classe social, racial, cultural e gênero.

A cultura Brasileira é o resultado de diferentes misturas de povos que vieram para o Brasil, espontaneamente ou não, se estabelecendo e escolhendo esse país para viver. É nítido o

quanto é importante para o Brasil, mostrar que tens atrações turísticas.

No futuro, os negócios irão mexer em um ambiente incerto, competitivo e complexo. As organizações, cada vez mais irão trabalharão com equipes divergentes com varias diversidades.

Sugestão para leitura:

- Revista Alambre – Relativismo Cultural
- O que é etnocentrismo – São Paulo Brasiliense, 1998.

16. IDENTIDADE CULTURAL EM TEMPOS DE GLOBALIZAÇÃO

*Marielly Mendes Diniz
Iury Fernandes
Fernanda Menezes Lima
Geovanna Lima Guimarães
Lais Perônico R. G. Carvalho
Stephany Fernandes de Paiva
Alexandre Luiz P. de Carvalho*

As identidades culturais próprias de um povo ainda permanecem ou somos consequência de um imenso mercado global? Esse questionamento remete à ocorrência da globalização, que coloca num ritmo acelerado de contato um amplo número de culturas, podemos nos questionar em relação ao método de construção das identidades culturais. Para iniciar esse raciocínio, é importante pontuar algumas propriedades da globalização, cujos fenômenos culturais são denominados, na antropologia, de “pós-modernidade”.

Essa era está sendo caracterizada por um evento original, relativo às identidades culturais, pois até a atualidade, antes da globalização, as culturas eram mais enraizadas, faziam parte da história de uma sociedade e de um local. Agora, em tempos de globalização e pós-modernidade, os símbolos de várias culturas migram por meio do mercado, do turismo, da aceleração do contato mundial, ou seja, a globalização pode conceder a emergência de novas formas de identificação coletiva, as quais, por não mais se determinarem

em função de um pertencimento territorial - ou de um hábito imemorial - mas em função de temas de relevância mundial, se subtraem às condições de lealdade tradicional ou de atuação localizada. (BURITY, J. A. Globalização e identidade: desafios do multiculturalismo. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/ciencia%20politica/jburity02.pdf>>).

A expressão “desenraizamento” cultural remete a uma cultura, com seus hábitos, símbolos e identidades coletivas, deixando de ter um só território e se espalhando para levar suas influências a diversas outras culturas que participam do processo de globalização. Portanto, atualmente, não é apenas a influência do “jeito de ser” americano que pode atingir pessoas do mundo inteiro com o cinema ou com os produtos que vendem. Mesmo culturas antes incomuns têm seus símbolos e hábitos migrando por todo o mundo, pois estes estão desenraizados. A forma de julgar a diversidade cultural foi alterada por esses fatores.

Vamos entender melhor. Antes da globalização, as culturas rotuladas de “atrasadas” eram sujeitas aos símbolos das culturas dominantes, na tentativa de incorporar uma identidade de “avançados”, “evoluídos”. Os “povos atrasados” tinham, obrigatoriamente, que “imitar” ou seguir as culturas tidas como mais evoluídas.

O processo de globalização, não o termo apenas, iniciou-se, na verdade, próximo ao Séc. XV – época das navegações -, trazendo aos diferentes povos a integração em vários aspectos culturais ou políticos.

Nesse âmbito, pode-se dizer que houve um enriquecimento e mesmo a aceitação por novas formas de cultura que, até então, era dominada pela europeia e pela norte-americana, mais cultuadas em virtude do status que conferiam. Todo e qualquer cidadão que não se portasse como um europeu ou norte-americano, no que se refere à moda ou costumes, era considerado de baixa classe social ou não evoluído. Com a globalização, a ideia de que a única forma de cultura era essa foi se dissipando, de modo que a humanidade passou a conhecer e admirar outras modalidades culturais.

A discriminação ou preconceito no que se refere à moda, à culinária, às tendências ou aos costumes perdeu a importância e os países passaram a trocar experiência entre si, formando, assim, uma estrutura muito mais ampla nesse sentido, liberta das barreiras geográficas e bem mais rica.

A pós-modernidade, depois da globalização, traz características específicas dentro de uma nova identidade cultural. Essa nova identidade se baseia na velocidade da transformação, originada pelo desenraizamento. As transformações se aceleram graças aos meios de comunicação, formando indivíduos que possuem variados modelos de

interação social, assimilando a endoculturação, ou seja, o processo de aprendizagem torna-se permanente.

Esse novo modelo de cultura se desenvolve em dois territórios distintos – o real, demarcado geograficamente, e o virtual – universo do consumo e ações interativas através de tecnologias, internet, celulares. Os indivíduos passam a ser produto de uma grande miscigenação cultural.

Sendo assim, a era da globalização apresenta pessoas e sociedades interagindo sob os mais diferentes aspectos e os símbolos culturais disseminam-se livremente em espaços virtuais, como os objetos de consumo e em comunicações virtuais altamente interativas.

Sendo assim, alguns símbolos passam a ter novos sentidos. Antes da pós-modernidade, por exemplo, somente as pessoas que tivessem uma motocicleta Harley Davidson se ocupavam em utilizar essa logomarca ou a estética de motociclismo que foi culturalmente montada em torno desse produto. Hoje, essa e tantas outras marcas se transformaram em símbolos de liberdade e de expressões as mais diversas, sendo utilizadas por pessoas que nem mesmo possuem o objeto em questão, havendo a liberdade representativa do concreto para o abstrato.

Semelhante processo ocorre com veículos “off road”, cuja simbologia não mais se liga à utilidade real do veículo – originariamente de uso militar ou rural -, mas sim à representatividade por

eles conferidas - seja por identidade, modismo, status, etc.

Essa associação símbolo/coisa, indissolúvel relação e cada vez mais marcada pela modernidade, através do desenraizamento, traz manifestações culturais incríveis, ligadas à essa mescla produzida pela globalização, como, por exemplo, as “tribos urbanas”, nas quais símbolos de culturas variadas se fundem, expostas por meios de comunicação de massa. São chamadas “tribos” por se reconhecerem facilmente a partir de vestuário, estilo de vida ou mesmo pela linguagem, particularizando-as em grupos sociais. As “tribos” têm sua própria identidade entre os seguidores e usam diversos símbolos como recursos para definirem-se enquanto grupo no meio de uma cultura.

Por outro lado, há os grupos que não participam do rol das “tribos urbanas”, pois não fazem uso de símbolos que definem ou realçam sua “identidade própria”. Eles defendem a tradição e os princípios deles. Devido à coexistência de variadas culturas em um mesmo território, a inserção de recursos simbólicos está progressivamente presente em nossas vidas.

O desenraizamento cultural é considerado por diversos estudiosos como uma ameaça a certas convicções humanas, uma vez que, anteriormente, possuíam seus territórios onde firmavam suas raízes, e julgam, agora, haver iminente perigo de perda das identidades ou mesmo da liberdade de SER.

Entretanto não se pode dizer que as tradições sumiram na pós-modernidade. Na verdade, elas foram transformadas em espetáculos turísticos e mídia, e, inclusive, revitalizadas após uma fase de esquecimento. Hoje, por não serem sinônimo de “atraso”, as tradições são mais respeitadas. Ainda que os símbolos percam parte de seu significado original, migram hoje por todas as partes. Se isto se reveste de cunho bom ou ruim, a Antropologia, como ciência, não busca julgar. O que cabe, outrossim, é trazer a reflexão acerca do novo papel da cultura na vida de todos, como cidadãos, seres humanos e profissionais.

Desenvolvendo a questão sobre o relativismo e a importância da diversidade cultural em tempos de globalização – ou mundialização, termo usado pelo autor - Renato Otriz, alega que considerar a diversidade enquanto valor universal significa dizer que as culturas são um “patrimônio da humanidade”. A divulgação promove, justamente, a possibilidade de que as ditas “culturas minoritárias” não pereçam. Assim sendo, respeitar e cultivar é dever de todos.

Síntese

A profunda aproximação entre as diversas culturas do mundo é um dos resultados mais significativos da globalização.

Essa aproximação influencia a todos, tanto países mais frágeis, que necessitam se adaptar à

nova ordem mundial, quanto países mais desenvolvidos e dominantes desse processo.

O aumento desse contato tem propiciado a necessidade de uma concepção mais amadurecida sobre a diversidade, menos pautada em preconceitos e no etnocentrismo, e aberta às novas soluções.

Assim, novas maneiras de identidade cultural aparecem e exigem uma mentalidade fundamentada em valores mais amplos, democráticos e que são influenciados profundamente pela diversidade.

É fundamental a reflexão sobre o tema da diversidade e das novas formas de interação em nosso dia-a-dia, uma vez que é pauta no ambiente doméstico, no mundo do trabalho, nas relações de amizade, na educação ou, até mesmo, na formação de conhecimento.

Saiba mais: TESSAROTTO, T. de O. Novos horizontes antropológicos: indivíduo, cultura e globalização. CAOS, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, nº 07, set. 2004. Disponível em: . Acesso em: 19 abr. 2011.

17. QUEM SOMOS, QUEM SÃO ELES: FASCÍNIO E DISCRIMINAÇÃO NO POVOADO UNIVERSAL⁶

*Letícia Brito Borges
Victória Rocha Dias
Amanda Alves Paiva
Larissa Crisóstomo Pereira
Thalita Adielle Lemes Silva*

Objetivos

Considerar sobre novas maneiras de elaboração de identidades que atravessam o mundo real bem como em todo o mundo virtual. Julgar como novas ciências e mídia interativa, o perfil das culturas modernas.

Introdução

As culturas humanas têm estabelecido relações como nunca na trajetória humana devido ao incontável desenvolvimento da mídia e dos meios de condução.

O governo, o mundo de negociações, o progresso dos princípios e a totalidade das culturas das pessoas têm sido influenciados por esse relacionamento com a diferença.

É possível notar uma resposta das pessoas, que vão desde atitudes de fascínio ou intolerância

⁶ *Marcela Gyovana Azevedo Menezes* fez a revisão linguística deste capítulo.

para com os outros por causa dessa proximidade entre as distintas culturas.

Neste ponto, ampliaremos o raciocínio da globalização que sensibiliza até mesmo o vigor da identidade cultural de todos nós.

Globalização e modificação cultural

A globalização é uma divisão em evolução que coloca uma correspondência fixa com o número avançado de pessoas ao redor do mundo. Para uma globalização, a tolerância depreciativa para o avanço de atividades como o exótico conta, a transnacionalização de indústrias e empresas frutíferas, excursão, um comentário de serviço como gastronomia, uma propaganda de mídia acumulada e uma revisão da instrução como ilusão de fundo, não o mundo inteiro.

Os avanços inteligentes na instrução do “ostracize” e do anúncio tomam uma rachadura na parceria central para permitir que os países surpreendam.

Todas as culturas que relativamente mantinham-se separadas passam a ter resultados diretos que aumentaram através de contatos com atividades.

Consequentemente, os fenômenos que incluem aspectos financeiros, científicos, culturais e políticos caracterizam a globalização.

Contudo, a imposição de certos padrões de cultura que são considerados "superiores" e "evoluídos", se refere a circulação acentuada de

bens e ideias, em detrimento de outras julgadas como "exóticas", "retrógradas" ou "inconvenientes". No presente, achamos em todos os cantos do planeta redes de lanches de marcas como McDonald's, e não o memorável pão de queijo de Minas ou os tacos do México, devido a mundialização, não por acidente, da língua inglesa. Assim, o povo que influencia economicamente se torna influenciador culturalmente também.

Existe uma maior disseminação dos hábitos da cultura norte-americana que se transformaram em padrão ou referência por meio da qual todas as sociedades devem se comparar ou tentar combinar. Não existe nada diferente nisso, não é verdade? Possuímos a chance de que as pessoas ordinárias e hábitos de culturas não dominantes, também sejam mais que em alguma outra época histórica, conjuntamente sejam prestigiadas no mundo por meio dessa inovação que surgiu, pertinente a globalização.

Atualmente, a relevância de estar alerta a pensamentos, estratégias e esquemas de tarefas de países como o Japão, a Tailândia, a Índia ou a China foi constatado até mesmo pelos norte-americanos. Tanto na literatura especializada como na literatura tradicional dessas sociedades buscam-se estímulos para idealizar, esclarecer, produzir, estabelecer relações ou reedificar estratégias e esquemas de tarefas, maneira de nos relacionarmos uns com os outros ou, além disso, condições mentais que ocasionam novas respostas pessoais/coletivas.

A globalização tem características muito particulares, de acordo com Octavio Ianni: em primeiro lugar, a energia nuclear se tornou a mais resistente tática de combate que está ocorrendo neste momento na história; em segundo lugar, pela excelente execução de produzir e instruir, provocar e encantar da inovação da ciência da computação, apoio descoberto na microeletrônica; em terceiro lugar, pela sistematização de um método financeiro externo, de acordo com os requisitos do controle das despesas capitalistas globais; em quarto lugar, porque as ligações econômicas mundiais são abundantemente persuadidas pelas demandas de corporações ou conglomerados pertencentes a vários países e atuantes nos mesmos; em quinto lugar, pelo aumento da réplica do capital, reproduzindo relações em todo o planeta; em sexto lugar, pela modificação da língua inglesa em uma linguagem mundial, através da qual se encadeiam e manifestam seres, comunidades e camadas sociais, em suas associações comuns, governamentais, econômicas e culturais; e, em sétimo lugar, devido ao resultado do dinheiro ao período de desordem.

Comumente os alunos perguntam: “Mas o que podemos aprender com os índios?”, porque consideram os povos como inferiores ao seu grupo étnico, vendo a população indígena como “antiga”, pessoas que “não têm coisa alguma”. Enquanto contemplamos e pegamos como modelo alguns comportamentos culturais “novos” para a maioria de nós, que constantemente conduziram um costume

para outros conjuntos de pessoas, temos um choque, porque também temos preconceitos e não entendemos como lidar com o que é distinto.

São simplificados os argumentos da antropologia. Não acontece nenhum tipo de diferença social mesmo sendo sociedades em que há divisão de tarefas e hierarquia, explicaremos melhor isso. São tribos com total organização social, e possuem influências sociais importantes como guerreiro, cacique e pajé. Até o momento nada de novo, não é mesmo? Nessas sociedades todos estão em um mesmo plano de recursos econômicos, por isso não se têm classes sociais nesses grupos. Os membros de influência como o cacique, convivem no mesmo tipo de “casa” e lhes é oferecido a mesma quantia de alimentos do que de qualquer pessoa de seu meio, visto que, o fato de estar ocupando “cargos” de influência não lhes dá prediletos materiais, com exceção de eventos de espiritualidade.

Ao exercer o poder o indivíduo não passa a criar uma conduta de superioridade com relação aos seus seguidores?

Esse tipo de superioridade não existe entre as tribos. As pessoas que recebem os cargos de importância e ajudam na tomada de decisões da tribo não recebem quaisquer tipos de privilégios materiais. Para ser reconhecido socialmente é observado o comportamento do cidadão, as tradições e até mesmo habilidades pessoais. Perfeição não define as sociedades das tribos, mas por sua organização que lhes permite que não haja

diferenças sociais e acontecimentos como atos violentos, crimes, prostituição, esses praticamente ausentes, sendo desnecessária a utilização de prisões, abrigos para menores infratores, entre outros.

Contudo, possuímos um modelo que pode ser um grande referencial, que são os índios, eles constroem uma sociedade íntegra, respeitosa, organizada e bem liderada. Um povo que é livre de exclusão, discriminação e autoritarismo entre si. Nossa sociedade não pode ser apenas um modelo do sucesso do marketing americano, podendo se desenvolver cada vez mais, por meios culturais. Assim explanado, pode-se dizer que os seres humanos podem sim gerar uma sociedade mais justa, um bom comportamento conjunto, boas reflexões coletivas, diferentes conteúdos culturais, entre outros.

Sabe-se que a sociedade atual tem influência no meio global, esse pode ser um meio de ajuda para a conduta de incluir mais as tradições culturais, que têm muito para nos oferecer com grandes sabedorias. Algumas pessoas no mundo atual estão mais aptas a conhecer culturas diferentes, como tipo de culinárias diferentes, artes, músicas, religiões, assim por diante. Esse tipo de atitude influencia sim as pessoas para conhecer, estando menos limitadas para diversidade cultural.

Mais uma vez o índio se dá como exemplo na questão da diversidade e exclusão, porque é um povo que foi ganhando seu espaço na sociedade com o tempo, ganhando voz e expondo sua

opinião. Então, que a inclusão social cresça no nosso meio, gerando voz e igualdade a todos, que toda sociedade possa evoluir e emancipar cada vez mais a cultura e as tradições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente livro nasceu da aplicação de uma das metodologias ativas da Aprendizagem por Projetos, inspirada em Philippe Perrenoud.

Na ânsia por obter maior participação dos alunos e conseqüentemente maior aprendizado por parte deles, propus um trabalho às minhas duas turmas do segundo e do terceiro semestre do curso de odontologia da Unip – Universidade Paulista (campus Asa Sul - Brasília/DF) no primeiro semestre letivo de 2018.

O trabalho consistiu na divisão das turmas em grupos, no intuito de contemplar todos os temas previstos no plano de ensino da disciplina. Cada grupo fez uma pesquisa teórica, transcrevendo as citações e seus respectivos autores. Nessa pesquisa teórica, a base principal foi a apostila de Homem e Sociedade da própria Unip, de autoria de Kênia Kemp, com a colaboração dos professores Fabio Gomes da Silva, Flávio Celso Müller Martin e Renata Viana de Barros Thomé.

No segundo bimestre, ministrei aulas de técnica de paráfrase, e os grupos transformaram seus trabalhos em textos autorais. Como esta obra não tem objetivos comerciais, apenas acadêmicos e de aprendizado, bem como absorção de tão relevante pesquisa feita pelos estudiosos listados anteriormente, foi permitido que o livro-texto da Unip servisse de base essencial para o treino da técnica de paráfrase estudada.

Além do trabalho, os(as) alunos(as) fizeram normalmente as provas I e II e obtiveram resultados excelentes. Atribuo, inclusive, esse bom resultado nas avaliações formais ao envolvimento com os temas. As aulas expositivas foram dadas por mim, no entanto, os(as) estudantes responsáveis por aquele tema participaram ativamente contribuindo com mais informações, enriquecendo-as. A possibilidade de lançarem um livro em coautoria com o professor gerou um capricho excepcional aos capítulos, e esta dedicação à pesquisa fez com que compreendessem melhor temáticas tão relevantes à formação pleiteada. Daí as participações tão interessantes e respaldadas.

Cada grupo ficou responsável pela adequação do capítulo às normas vigentes da ABNT, bem como pela revisão linguística dos aspectos gramaticais da Língua Portuguesa, e, ainda, pela responsabilidade intelectual que envolve as questões de direito autoral. De forma que toda a responsabilidade é dos(as) autores(as) de cada capítulo.

Neste livro foram abordados os seguintes temas: Antropologia na sala de aula: compartilhamento de uma experiência de sucesso; ser humano, cultura e sociedade; a relação entre o indivíduo e a sociedade; ser humano, cultura e sociedade; o surgimento da cultura; o aparecimento do homo sapiens – uma espécie que trabalha; a cultura do homem – uma espécie que troca e se organiza; o senso comum e a ciência antropológica explicam a cultura: a cultura explicada pelo senso

comum; o ato de simbolizar e a cultura; as relações humanas dependem de valores e regras; as mudanças de regras e valores; cada povo uma cultura, cada cultura uma sentença: a diversidade cultural; Cultura e visão de mundo; diferentes culturas, características humanas universais; a pesquisa de campo produz o conhecimento antropológico; identidade cultural em tempos de globalização; quem somos, quem são eles: fascínio e discriminação no povoado universal.

Este livro é o resultado deste projeto de sucesso. Agradeço a todos(as) os(as) alunos(as) que se dedicaram a este trabalho para que conseguíssemos alcançar nossa meta: esta publicação. Que ela seja útil para novos alunos que venham a estudar esta área de conhecimento tão relevante.

Professor Jonas Rodrigo Gonçalves⁷

⁷ Possui mestrado em Ciência Política (Políticas Públicas); especialização em Letras (Linguística: Revisão de Texto); licenciatura em Letras (Português e Inglês); licenciatura em Filosofia; habilitação em História, Sociologia, Psicologia e Ensino Religioso. Autor de 34 livros técnicos e didáticos. Coordenador de políticas editoriais das faculdades CNA (DF) e Fasesa (GO). Atualmente leciona nas faculdades Processus, CNA, Unip, JK e Fasesa. É editor-chefe da editora JRG (www.editorajrg.com). Na Faculdade Processus (DF), coordena dois grupos de pesquisa cadastrados no CNPq: Português Jurídico e Políticas Públicas.

REFERÊNCIAS

- ALVES, P. et alii, Neoliberalismo e a desterritorializacao dos espaços. E-revista.unioeste.br. v. 9, n. 1. 2005, p.2.
Disponível em: <http://www.e-revista.unioeste.br/index.php>.
- ANDRADE, A.; BOSI, M.L.M. Midia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. Rev. Nutr. Campinas, jan./mar., 2003. Disponível em
<<http://www.scielo.br/pdf/rn/v16n1/a11v16n1.pdf>>, acesso em: 05 de novembro de 2010)
- ARAGUAIA, M. Evolucao. In: BRASIL ESCOLA. Biologia Evolutiva. Disponível em: <<http://www.brasile scola.com/biologia/evolucao.htm>>. Acesso em: 12 out. 2010.
- BELLATO, R.; CARVALHO, E. C. de. O jogo existencial e a ritualizacao da morte. Revista Latino-Americana de Enfermagem, Ribeirao Preto, v. 13, n. 1, fev. 2005.
Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692005000100016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 12 out. 2010.
- BERGER, P.; BERGER, B. Socializacao: como ser um membro da sociedade. In: FORACCHI, M.; MARTINS, J. S. (Org.). Sociologia e sociedade. Rio de Janeiro: Livros Tecnicos e Cientificos, 1977.
- BERGER, R. et alii. Ciencia e tradicao: perspectivas transdisciplinares para o seculo XXI. Disponível em: <www.manamani.org.br/cienciaetradicao.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- BRANDAO, C. R. O processo geral do saber (a educação popular como saber da comunidade). In: _____. Educação popular. Sao Paulo: Brasiliense, 1997.
- BURITY, J. A. Globalizacao e identidade: desafios do multiculturalismo. In: FUNDACAO JOAQUIM NABUCO. Fundacao Joaquim Nabuco. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/ciencia%20politica/jburity02.pdf>>
- CANEN, A. Universos culturais e representacoes docentes: subsidios para a formacao de professores

- para a diversidade cultural. *Educação & Sociedade*. Ano XXII, n. 77, dez. 2001.
- CANTARINO, C. *Natureza, cultura e comportamento humano*. In: LABJOR. *Comciencia*. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200407/reportagens/07.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- CANTO, O.; ALMEIDA, J. *Meio ambiente: determinismos, metamorfoses e relação sociedade-natureza*. *Revista de Estudos Paraenses*, v. 3, p. 91-102, 2008. Disponível em: <www6.ufrgs.br/pgdr/arquivos/746.pdf>. Acesso em: 12 out. 2010.
- CARNEIRO, P. N. *Uma antropologia da cultura I: a antropologia*. 2009. In: WEBARTIGOS. *Webartigos.com*. Disponível em: <<http://www.webartigos.com/articles/13428/1/Uma-Antropologia-da-Cultura-I-A-Antropologia/pagina1.html#ixzz1Jo18d654>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- CLASTRES, P. *A sociedade contra o Estado*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.
- CONCEITOS BASICOS DE SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA, ferramentas para pensar. Disponível em: <mit.universia.com.br/21/21A218J/PDF/basicconcepts.pdf>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- DaMATTA, R. *Relativizando: uma introdução a antropologia social*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DIAS, K. M.; BORDA, G. Z. *A diversidade cultural na comunicação visual – o caso Embratur*. Monografia (especialista em gestão de negócios em turismo), Universidade de Brasília, 2005. Disponível em: <http://bdm.bce.unb.br/bitstream/10483/631/1/2005_KatiaMacedoDias.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2010.
- DINIZ, R. A. F. da C. *Uma reflexão sobre a ética, multiculturalismo e educação*. In: NET SABER. *Net Saber*. Disponível em: <http://artigos.netsaber.com.br/resumo_artigo_10165/artigo_sobre_uma_reflexao_sobre_a_etica,_multiculturalismo_e_educacao>. Acesso em: 19 abr. 2011.

- FAILDE, I. Manual do facilitador para dinamicas de grupo. Sao Paulo: Papyrus, 2007.
- FERRETTI, S. Multiculturalismo e sincretismo. In: UFMA – PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM POLITICAS PUBLICAS. Repositorio de publicacoes da Universidade Federal do Maranhao. Sao Luis: 2007. Disponivel em: <<http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/handle/1/183>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- FLEURY, M. T. L. Gerenciando a diversidade cultural: experiencias de empresas brasileiras, RAE – Revista de Administracao de Empresas, jul./set. 2000, v. 40. n. 3.
- GEERTZ, C. A interpretacao das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIDDENS, A. Sociologia. 5. ed. Lisboa: Fundacao Calouste Gulbenkian, 2007. Disponivel em: <<http://cadernosociologia.blogspot.com/2009/01/valores-e-normas.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- GOMES, M. P. Antropologia: ciencia do homem, filosofia da cultura. Sao Paulo: Contexto, 2009.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo (coord.). *Avaliação Geral de Desempenho Acadêmico*. Valparaíso de Goiás: Sena Aires, 2017.
- GONÇALVES, Jonas Rodrigo. *Metodologia Científica e Redação Acadêmica*. 7.ed. Brasília: JRG, 2015.
- GUERRIERO, S. As origens do antropos. In: GUERRIERO, S. Antropos e psique: o outro e sua subjetividade. Sao Paulo: Olho d'Água, 2005.
- _____. Antropos e psique: o outro e sua subjetividade. Sao Paulo: Olho d'Água, 2004.
- GUIA, L. Do Paleolítico ao Neolítico. In: NOTA POSITIVA. Nota positiva. Disponivel em: <http://www.notapositiva.com/trab_professores/textos_apoio/historia/dopal_eoaoneol.htm>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- GUSMAO, N. M. M. Linguagem, cultura e alteridade: imagens do outro. In: Cadernos de Pesquisa, no 107, jul. 1999, p. 41-78. Disponivel em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/n107/n107a02.pdf>>. Acesso em: 2 nov. 2010.

- HANASHIRO, D. M. M.; CARVALHO, S. G. Diversidade cultural: panorama atual e reflexões para a realidade brasileira. REA, ed. 47, V. 11, No 5, set./out. 2005. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/read/article/viewFile/15190/8959>>. Acesso em: 5 nov. 2010.
- HOMEM PRÉ-HISTÓRICO: Vivendo entre as Feras. Direção: Pierre De Lespinois. Produção: Discovery Channel. Estados Unidos: 2002. (100 min.) 1 DVD.
- HOUAISS, A. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- KEMP, Kênia. *Homem e Sociedade*. São Paulo: Sol, 2011.
- LARAIA, R. de B. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- LEITAO, D. K. A arte de sensibilizar o olhar – ou por que ensinar antropologia? In: <<http://www.geocities.com/deborakrischkeleitaio/artigo.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- LEVI-STRAUSS, C. Introdução. In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naify, 2005.
- MARCONDES, A. Teoria e a plataforma básica para os estudos biológicos. In: UOL. Portal UOL Educação. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/biologia/ult1698u40.jhtm>>. Acesso em: 12 out. 2010.
- MASSINI-CAGLIARI, G. Savage Girls and Wild Boys. A History of Feral Children. DELTA, 2003, vol.19, no.1, p.201-210.
- MEDEIROS, A. P. Padrões gráficos para aplicação em revestimentos cerâmicos baseados na cultura do litoral sul de Santa Catarina. 1997. Dissertação apresentada no Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina para obtenção do grau de Mestre em Engenharia. Disponível em: <<http://www.eps.ufsc.br/disserta98/albertina/>>. Acesso em: 22 out. 2010.

- MITCHEL, R. Maori chief on facial tattoos and tribal pride. National Geographic, oct. 2003. Disponível em:
<http://news.nationalgeographic.com/news/2003/10/1014_031014_georgenuku.html>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- NORONHA, F. D. A.; NUNES PINTO, R. Capoeira nas aulas de educação física: uma proposta de intervenção. Pensar a Prática, Cuiabá: V. 7, n. 2, p. 65, 2004.
- ORTIZ, R. Anotações sobre o universal e a diversidade. Revista Brasileira de Educação, v. 12, n. 34, jan./abr. 2007.
- _____. Sobre o relativismo cultural. Revista Alambre, n. 2, mar. de 2009. Disponível em: <<http://www.revistaalambre.com/Articulos/Articuloprint.asp?Id=33>>. Acesso em: 5 nov. 2010.
- PASSADOR, L. H. A noção de regra: princípio da cultura, possibilidade de humanidade. In: GUERRIERO, S. Antropos e psique: o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho d'Água, 2005.
- _____. O campo da antropologia. In: GUERRIERO, S. (Org.). Antropos e psique: o outro e sua subjetividade. São Paulo: Olho d'Água, 2003.
- PAZZA, R. Seleção natural. Projeto Evoluindo – Biociencia.org. (2005) Disponível em: <<http://www.evoluindo.biociencia.org>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- QUEIROZ, D. T. et alii. Observação participante na pesquisa qualitativa: conceitos e aplicações na área da saúde. Revista Enfermagem UERJ, Rio de Janeiro; v. 15, n. 2, abr./jun. 2007. Disponível em: <<http://www.facenf.uerj.br/v15n2/v15n2a19.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2010.
- REIS, L. V. S. O mundo de pernas para o ar: a capoeira no Brasil. São Paulo: Publisher Brasil, 1997.
- RIBEIRO, A. R. Clifford Geertz. In: MUSEU NACIONAL. PPGAS 2004. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 2004. Disponível em: <<http://ppgas2004.br.tripod.com/geertz.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

- RIBEIRO, F. Humanos criados como animais: coração selvagem. Aventuras da historia. São Paulo: Abril Cultural, n.91, fev. 2011. Disponível em: <<http://historia.abril.com.br/comportamento/humanos-criados-como-animais-coracao-selvagem-434572.shtml>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- RIBEIRO, F. J. L.; BUSSAB, V. L. R. Biologicamente cultural. In: SOUZA, L.; FREITAS, M. F. Q.; RODRIGUES, M. M. P. (Org.). Psicologia: reflexões (im)pertinentes. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998, p. 177-203. Disponível em: <<http://pet.vet.br/puc/vera%20bussab.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- ROCHA, E. O que é etnocentrismo. São Paulo: Brasiliense, 1998.
- SABOYA, M. C. L. O enigma de Kaspar Hauser (1812?-1833): uma abordagem psicossocial. Psicologia USP, Sao Paulo, v. 12, n. 2, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&id=S0103-65642001000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- SAMPAIO-RALHA, J. L. F. Comunidades virtuais: definições, origens e aplicações. In: UNICAMP. Educação a Distancia. Campinas: 2006. Disponível em: <www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?down=79>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- SANTOS, B. de S. Por uma concepcao multicultural dos direitos humanos. Lua Nova, n. 39, 1997. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/boaventura/boaventura_dh.htm>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- SANTOS, R. J. Tão diferentes, tão tribais: somos todos tão iguais. In: Antropologia para quem não vai ser antropólogo. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.
- SANTOS, J. L. O que é cultura. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SHELLES, S. A importância da linguagem não verbal nas relações de liderança nas organizações. Revista Esfera, no1 jan./jun. 2008.

- SCHILLING, V. Antropologia, ciência recente. In: TERRA. Cultura e pensamento. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/cultura/2002/06/07/001.htm>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- SILVA, V. G. da. Antropologia. In: USP – FFLCH. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas. Disponível em: <www.ffiich.usp.br/da/vagner/antropo.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- SILVA, W. C. C. et alii. Identidade cultural: sustentabilidade em comunidades tradicionais. In: X JORNADA DE ENSINO, PESQUISA E EXTENSAO – JEPEX 2010 – UFRPE: Recife, 2010. Recife. Anais... Disponível em: <<http://www.sigeventos.com.br/jepex/inscricao/resumos/0001/R0601-2.PDF>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- SOARES FILHO, N. DNA do Homem de Lagoa Santa já foi extraído dos ossos. LAGOA SANTA. Lagoa Santa na internet. Disponível em: <<http://www.lagoasanta.com.br/homem/index.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2011.
- SOUSA, F. S. Antropologia simbólica, comunicação e educação. 2008. Disponível em: <<http://www.sebantropologiacom.blogspot.com/2008/09/antropologia-simbolica-comunicacao-e.html>>. Acesso em: 20 abr. 2011.
- TEICH, D. H. A primeira brasileira. Veja, 1999. Disponível em: <http://veja.abril.com.br/250899/p_080.html>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- TESSAROTTO, T. de O. Novos horizontes antropológicos: indivíduo, cultura e globalização. CAOS, Revista Eletrônica de Ciências Sociais, no 07, setembro de 2004. Disponível em: <<http://www.cchla.ufpb.br/caos/thaisoliveira.pdf>>. Acesso em: 19 abr. 2011.
- TOSTA C. G. Breve ensaio sobre civilização e cultura. Revista Museu. Disponível em: <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_.asp?id=27609>. Acesso em: 19 abr. 2011.

TURQUIA MANTEM TRADICAO DE TRATAR psoríase com “peixe medico”.G1. 2009. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Ciencia/0,,MUL1261527-5603,00-TURQUIA+MANTEM+TRADICAO+DE+TRATAR+PSORIASSE+COM+PEIXE+MEDICO.html>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

UNESCO. Declaração universal sobre a diversidade cultural. 2002. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>>. Acesso em: 03 de nov. 2010.

VITORIA, P. Evolução humana. 18 slides. 2008. In: SCRIBD INC. Scribd. Disponível em: <<http://www.scribd.com/doc/6454529/Evolucao-Humana>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

WIKIPEDIA. Alteridade. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>, acesso em: 02 de nov. 2010.

____. Criança selvagem. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Crianca_selvagem>. Acesso em: 19 abr. 2011.

____. Esquimós. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Esquimos>>. Acesso em: 19 abr. 2011.

____. Evolução humana. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Evolucao_humana>. Acesso em: 19 abr. 2011.

____. Laponia. Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/Laponia\(povo_Sami\)](http://pt.wikipedia.org/wiki/Laponia(povo_Sami))>. Acesso em: 19 abr. 2011.

SAKINEH ASHTIANI SERA... Folha.com. São Paulo: 02 nov. 2010. Caderno Mundo. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/824273-sakineh-ashtiani-sera-executada-na-quarta-feira-no-ira-diz-ong.shtml>>. Acesso em: 05 nov. 2010.

CIENCIAH. Ciência Hoje. Disponível em: <<http://www.cienciahoje.pt/58>>. Acesso em: 30 abr. 2011.